

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE PASSOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ISMAEL PIANTINO NUNES

A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS NO FUTEBOL

PASSOS - MG
2008

ISMAEL PIANTINO NUNES

A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS NO FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física de Passos – Fundação de Ensino Superior de Passos – Universidade do Estado de Minas Gerais, para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Dr. Paulo Roberto P. Santiago

**PASSOS – MG
2008**

ISMAEL PIANTINO NUNES

A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS NO FUTEBOL

COMISSÃO JULGADORA

**MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Presidente e Orientador:

2º Examinador:

3º Examinador:

Passos, de

de 2008.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao Futebol,
esporte enigmático que proporciona
inigualáveis emoções a todos os seus amantes.*

*Em especial ao professor
PAULO ROBERTO PEREIRA SANTIAGO,
pela disponibilidade e auxílio irrestrito.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente a Deus,
o cerne, a essência da vida.*

*Agradeço também a meus pais,
avós, amigos e professores.*

*E que eu possa sempre corresponder
às suas expectativas.*

EPÍGRAFE

*“Tudo posso naquele que me fortalece”
Filipenses 4:13*

*“O único homem que está isento de erros,
é aquele que não arrisca acertar.”
Albert Einstein*

*“É possível encontrar a felicidade,
mesmo nas horas mais sombrias,
se lembrar de acender a luz.”
Alvo Dumbledore*

RESUMO

As constantes mudanças no futebol ocorrem desde que a primeira bola ou vesícula de animal foi chutada, em tempos e lugares distintos. Tais transformações vêm convergindo até chegarmos ao futebol organizado e modernizado que encontramos hoje no mundo. Todos os aspectos deste esporte cativante sofreram reformulações, inclusive a parte tática, foco principal desta discussão, foi alterando-se no correr dos anos para então culminarmos nesta infinidade de sistemas táticos e suas inúmeras variações. Este trabalho primeiramente conceitua e explica o que é tática, sistema tático ou sistema de jogo, esquema tático e estratégia. Em seguida realiza um esclarecimento do universo tático com suas ações ofensivas, táticas defensivas e de posicionamento dos atletas. Consecutivamente são explicitados alguns fatores que influenciam taticamente em uma partida de futebol. Especificando o assunto, trataremos a evolução destes sistemas de jogo, contando sua história contemplando as táticas mais simples e primitivas até as mais complexas e sofisticadas. Logo depois, se configura uma análise desta trilha de alterações sofridas pelos sistemas e seus posicionamentos, além de citar alguns dos sistemas que permaneceram e são utilizados no atual futebol. Exemplificando estes sistemas fala-se de algumas seleções que por inúmeros motivos encantaram e ou revolucionaram a maneira de uma equipe jogar futebol. Em anexo, ainda há algumas entrevistas de técnicos renomados e de larga experiência no futebol, expondo suas opiniões sobre este assunto tão palpitante.

Palavras-chave: Evolução. Mudanças. Táticas. Sistemas. Futebol.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – 1-10.....	42
Figura 2 – 1-1-8.....	42
Figura 3 – 1-2-7.....	42
Figura 4 – 2-2-6.....	43
Figura 5 – 2-3-5.....	44
Figura 6 – WM, 3-2-2-3.....	45
Figura 7 – Diagonal.....	46
Figura 8 – 4-2-4.....	47
Figura 9 – 4-3-3 A.....	49
Figura 10 – 4-4-2 A.....	50
Figura 11 – 3-5-2.....	51
Figura 12 – 4-3-3 A.....	57
Figura 13 – 4-3-3 B.....	57
Figura 14 – 4-4-2 A.....	58
Figura 15 – 4-4-2 B.....	58
Figura 16 - 4-4-2 C.....	58
Figura 17 – 3-5-2.....	60
Figura 18 – Seleção da Hungria de 1954.....	63
Figura 19 - Seleção da Inglaterra de 1966.....	65
Figura 20 - Seleção do Brasil de 1970.....	67
Figura 21 - Seleção da Holanda de 1974.....	68
Figura 22 - Seleção da Dinamarca de 1986.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

CONCEITOS: TÁTICA, SISTEMA TÁTICO, ESQUEMA TÁTICO E ESTRATÉGIA.....	16
---	----

CAPÍTULO 2

DICIONÁRIO TÁTICO DO FUTEBOL.....	21
2.1. Tática Ofensiva.....	22
2.2. Tática de Bola Parada.....	23
2.3. Tática de Contra-ataque.....	24
2.4. Tática Defensiva.....	24
2.5. Marcação.....	25
2.6. Tática de Impedimento.....	27
2.7. Tática de Posicionamento.....	27
2.7.1. Goleiros.....	27
2.7.2. Laterais.....	28
2.7.3. Zagueiros.....	29
2.7.4. Volantes.....	30
2.7.5. Meio-campistas / Armadores.....	30
2.7.6. Pontas.....	31
2.7.7. Centroavantes.....	31

CAPÍTULO 3

FATORES QUE INFLUENCIAM TATICAMENTE NUMA PARTIDA DE FUTEBOL.....	33
3.1. Jogadores.....	34
3.1.1. Técnica.....	34
3.1.2. Preparação Física.....	35
3.1.3. Preparo Psicológico.....	36
3.1.4. Capacidade Cognitiva.....	36
3.2. Técnicos.....	37
3.3. Adversários.....	38
3.4. Condições Externas.....	39
3.4.1. Condições e Dimensões do Campo de Jogo.....	39
3.4.2. Condições Climáticas.....	39

CAPÍTULO 4

EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS.....	41
4.1. 1810 a 1863, A Tática Primitiva.....	42
4.2. 1863 a 1870, As Primeiras Táticas.....	42
4.3. 1870 a 1880, O Início da Preocupação Defensiva.....	43
4.4. 1880, O Sistema Clássico ou Piramidal.....	43
4.5. 1925, O Nascimento do Sistema WM	44
4.6. Diagonal.....	46
4.7. Ferrolho Suíço.....	47
4.8. Anos 50, o 4-2-4.....	47
4.9. Anos 60, o 4-3-3.....	49
4.10. 1966, o 4-4-2.....	50
4.11. Meados dos Anos 90, o 3-5-2.....	51
4.12. 4-5-1, O Goleador Solitário.....	52
4.13. 4-6-0, A Ausência de Atacantes de Ofício.....	53

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS SISTEMAS TÁTICOS.....54

5.1. 4-3-3.....57

5.2. 4-4-2.....58

5.3. 3-5-2.....60

CAPÍTULO 6

AS INESQUECÍVEIS SELEÇÕES.....62

6.1. A Seleção da Hungria de 1954.....63

6.2. A Seleção da Inglaterra de 1966.....64

6.3. A Seleção do Brasil de 1970.....66

6.4. A Seleção da Holanda de 1974.....68

6.5. A Seleção da Dinamarca de 1986.....69

CONCLUSÃO.....72

BIBLIOGRAFIA.....74

ANEXO A

Entrevista com o técnico Louis Van Gaal.....75

ANEXO B

Entrevista com o técnico Alex Ferguson.....79

ANEXO C

Entrevista com o técnico Mário Jorge Lobo Zagallo.....82

ANEXO D

Entrevista com o técnico Arrigo Sacchi.....85

ANEXO E

Trecho do livro: Mourinho: Porquê tantas vitórias?.....89

INTRODUÇÃO

Até chegarmos ao estágio, nível e forma de disputa em que se encontra hoje, o popular esporte futebol passou por mudanças e revoluções em sua totalidade, apurando sua essência e magnetismo através do tempo, seus marcos e eras.

Tentando ilustrar e visualizar esta evolução do futebol destacamos sua origem em países como a China, Índia, Japão, Grécia, Itália, França e Inglaterra esportes estes, ancestrais ao futebol jogado no século vinte e um, nomeados de Kemari, Epyskiros, Soule, Harpastum, Gioco di Calcio, Football, ora criado por um guarda do imperador Huang-Tsé, jogado através de duas estacas ligadas por um fio de seda, sendo utilizado como exercício de treinamento militar, passatempo da nobreza, para preenchimento do ócio, papel principal em conflitos e invasões dos dinamarqueses a cidades inglesas durante o domínio anglo-saxão, atividade proibida pelo rei Eduardo II, peça-chave para o acirramento das rivalidades entre duas universidades inglesas dando um irmão, o Rugby, outro esporte, difundindo-se rapidamente chegando ao número de mais de 400 milhões de jogadores no mundo e mais de 1 bilhão de torcedores fazem do futebol o maior esporte do mundo, o esporte do povo.

O principal objeto do jogo, responsável pelo desejo das equipes de obtê-la a qualquer custo, a bola também não escapou deste processo de transformação, já foi constituída de uma vesícula de animal presa entre duas metades de couro de vaca costurada, seguiram-se a este modelo primário as bolas com válvulas para enchimento, as de dezoito gomos, a bola branca, de três cores, vermelha utilizada para jogos com neve, com gomos poligonais, desenho dinâmico e gravuras de origem etrusca, com novos materiais: o plástico e outros materiais sintéticos, até a vinda do poliuretano e a confecção da Teimgeist a bola escolhida pela FIFA para a disputa do mundial da Alemanha em 2006.

A parte do corpo mais utilizada neste esporte, o pé, ganhou um calçado a famosa chuteira que ao longo do tempo foi alvo da tecnologia. As primeiras chuteiras de futebol eram clássicas com forma de bota que cobriam o tornozelo e provocavam certa rigidez nos

movimentos dos pés, a este modelo materiais e formas foram alteradas como o couro de filhote de canguru, cravos metálicos, tiras de couro, travas: pregadas, de borracha e inter alternáveis, com uso de náilon para a sola, para então conhecermos a microfibra, usando o KNG-100 na parte superior, uretano termoplástico na sola e aço inoxidável nas travas.

A indumentária dos futebolistas está também experimentando materiais antes não utilizados na fabricação de uniformes. A roupa no futebol está intimamente ligada à moda de cada época. Como a moda constantemente cria e desfaz paradigmas, os uniformes do futebol foram das camisetas de manga longa, com golas fechadas por cordões, em v, com lapelas ajustáveis ou com decote circular aos uniformes confortáveis e de tecidos com rápida absorção, isto é, o vestuário dos atletas passou de uma produção quase exclusiva a fabricação em série para comercialização.

Nas maneiras, formas e estilos arcaicos de futebol o campo de jogo era definido conforme as dimensões que o improvisado lugar propiciavam, o importante era acertar ao gol adversário. Qualquer praça, bosque, beco, zona central das pistas de corrida de bicicletas era ideal para jogar-se uma partida. Com o tempo, a organização e as competições obrigaram a estabelecerem-se as primeiras normas e definições quanto ao campo e suas medidas. Hoje o campo de jogo possui o comprimento entre 90 e 110 metros e a largura vai de 69 aos 75 metros, uma linha central secciona o campo em duas metades iguais, nesta linha situa-se um grande círculo central com circunferência com raio de 9,15 metros , além de áreas demarcadas nas extremidades do campo delimitando o espaço do goleiro, já o tamanho dos gols não mudou desde 1875, quando foi estabelecida a medida de 7,32 metros de comprimento e os 2,44 de altura, meia-lua e marcas de escanteio encerram este projeto oficial de arena para futebol.

Não podemos nos esquecer dos grandes mediadores das partidas e confrontos futebolísticos, responsáveis pela aplicação das regras criadas e outrora alteradas e revisadas

pela International Football Association Board, os árbitros que apareceram em 1891. Como a roupa dos atletas, o vestuário do árbitro esteve ao passar dos anos ao gosto periódico da moda indo de modelos de corte alinhado, clássico a desenhos modernos e tecidos tecnológicos que aliviam os efeitos do clima. Este juiz utiliza uma ferramenta sonora para sinalizar infrações e acontecimentos durante as partidas, o apito e desde 1970, no México, os cartões amarelos de advertência e os vermelhos de expulsão punem as infrações mais graves. Tudo é anotado pelo árbitro através da súmula, seu testemunho do que houve no decorrer da peleia.

Enfim chegando aos tempos atuais, o futebol tornou-se um esporte de repercussão mundial onde os holofotes da mídia esportiva estão antenados em tudo e em todos os participantes deste planeta à parte. Através da Copa do Mundo, evento causador da globalização das idéias do futebol, ocorreu verdadeiras miscigenações de estilos, costumes, hábitos e invenções nos mais variados aspectos deste esporte. Essas informações trocadas entre os países amantes do futebol colaboram para a constante corrida pela otimização da performance de jogo em geral. O clube tentando sempre extrair uma nova estratégia de marketing para lucrar e melhor elencar sua equipe, enquanto o treinador procura o aprimoramento físico, técnico, tático e psicológico deste time, juntamente com sua comissão técnica composta de um auxiliar técnico, fisioterapeuta, fisiologista, médico, psicólogo e responsável pelos dados estatísticos das partidas, tudo isso para obter o maior número de vitórias possível para assim agradar milhões de torcedores, vigilantes assíduos da mídia esportiva, a investidores, patrocinadores e recheiar cada vez mais sua sala de troféus.

Devido a estas mudanças ocorridas no futebol de forma tão ampla envolvendo todos os fatores que integram este esporte dentro e fora das quatro linhas, este trabalho, uma revisão da literatura inerente a este assunto, vem esclarecer e promover reflexões sobre esta evolução dos sistemas táticos, conceituando tais formações, suas variadas ações e diversos posicionamentos, analisando seu desenvolvimento e suas transformações através dos tempos,

bem como explicitando os fatores indispensáveis para o sucesso de um plano tático e exemplificando este triunfo tático com seleções e times marcantes do futebol, traduzindo assim, um pouco do xadrez dos técnicos no desenrolar da história dos boleiros.

Sobretudo através desta compilação de dados sobre o desenvolvimento dos sistemas táticos do futebol auxiliar técnicos, atletas, estudiosos e curiosos do futebol a interagirem-se do assunto e compreender a sua histórica importância dentro do contexto do futebol. Levando-se em conta a sua constante repercussão na mídia que avalia e critica a atuação tática de uma equipe e a responsabilidade de seu técnico neste papel.

CAPÍTULO 1

CONCEITOS: TÁTICA, SISTEMA TÁTICO, ESQUEMA TÁTICO E ESTRATÉGIA

Tomando como foco central do assunto a tática no futebol, devemos primeiramente tentar conceituar, buscar dissecar essa expressão, essa filosofia implantada nesse esporte, seus vários nomes e definições.

Unzelte (2002) explica a origem da palavra tática, a qual vem do grego *taktiké*, que significava “a arte de comandar tropas”. Originalmente tratava da disposição e da manobra de um exército, da melhor maneira de travar uma batalha ou guerra, com a finalidade de vencer o inimigo. Ampliando-se o conceito, tática passou a significar todo processo a ser utilizado, todo meio a ser posto em prática para atingir o sucesso em qualquer situação.

Villar (1987, p.681 apud DRUBSCKY, 2003, p.55), utiliza-se de um conceito de Racinowski, que define tática esportiva como “o modo pensado, racionalizado, econômico e planejado de realizar a luta esportiva.”

“Tática significa o planejamento e a execução racional de dispor jogadores em campo, para sair-se bem e tirar proveito em dada situação, surpreendendo o adversário e dominando-o, em consequência.” (LEAL, 2001, p.99)

De acordo com Viana e Rigueira (1990) a tática no futebol, como em todo esporte coletivo, pode ser considerada como um dos aspectos mais importantes, amplos e ricos, quando se pretende alcançar índices positivos de forma objetiva, é o resultado final de toda uma preparação em se interdependem e interagem o estado físico e técnico da equipe.

Frisselli e Mantovani (1999, p.165), “Tática: São ações de ataque e defesa, com a bola em movimento, que se realizam no decorrer de uma partida para surpreender ou contrapor as ações realizadas pelo adversário”.

“Tática é a arte de combinar a técnica individual de cada jogador, em suas diferentes linhas e posições, de modo a obter o máximo de rendimento do conjunto, em um determinado jogo.” (MELO, 2000, p.38)

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) falam da tática como sendo o sistema de jogo em movimento, todas as ações de ataque e defesa que se podem desenvolver para surpreender o adversário durante uma partida. À medida que a qualidade dos atletas aumenta mais perto está essa equipe do bom funcionamento tático.

Fernandes (1994) entende a tática sob duas conotações, uma delas como planejamento, preparação e organização do jogo, além de tática como realização de ações do jogador e da equipe em um jogo.

“Como na guerra, o futebol também precisa de táticas, de diferentes maneiras de dispor um time em campo, a fim de superar o adversário.’Graças ao emprego delas, uma equipe pode superar seu rival, mesmo sendo técnica e fisicamente inferior.” (UNZELTE, 2002, p.665)

Viana e Rigueira (1990, p.393), “por tática futebolística entende-se um jogo planejado de modo racional no qual se tira proveito de todas as situações favoráveis, para dominar o adversário e, conseqüentemente, conseguir a vitória.”

Outro termo utilizado no ambiente do futebol é o sistema tático ou sistema de jogo, diversos autores conceituam e o definem como fator integrante do jogo.

Entende-se por sistema de jogo a distribuição dos jogadores de um time em campo, em estrutura organizada, coordenados e unidos por princípio de interdependência, com funções definidas que se complementam e que se movimentam, visando, com menor esforço possível, alcançar a melhor produção e resultado (LEAL, 2001, p.33).

“Sistema é a forma de distribuição dos jogadores no terreno de jogo, de forma que possa ocupar de maneira racional todos os setores do campo.” (MELO, 2000, p.11)

Drubsky (2003), fala sobre o sistema tático como sendo o conjunto de táticas que determinam as ações, atitudes e características de uma equipe em campo, compondo-se da

idéia de jogo, desenho tático, esquematizações, variações, posturas, sistemas de marcação, detalhes táticos e estilo de jogo.

“Podemos definir como sistema de jogo como a posição de uma equipe, dentro do campo, antes do início da partida, ou seja, antes de se iniciar a movimentação dos futebolistas em campo.” (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.165).

Para Bebeto, Valdano e Coelho (2006, p.84), “sistema de jogo é a colocação dos jogadores em campo levando em conta as qualidades do rival e imaginando criar dificuldades para o adversário.”

Esquema tático ou esquema de jogo coloca-se também no vocabulário do futebol como um termo bastante utilizado pela mídia esportiva, técnicos, jogadores e todos os integrantes do futebol.

Drubsky (2003) relata a importância do esquema tático dentro do sistema tático, e exemplifica como sendo uma movimentação de campo previamente determinada e treinada entre alguns jogadores e ou setores da equipe.

São as variações do sistema de jogo, previamente ensaiadas pelo treinador, que poderão ou não ser utilizadas para surpreender o adversário, no desenrolar de uma partida de futebol, no momento que o treinador julgar conveniente. Ex.: durante a partida a equipe quando ataca o faz com 3 futebolistas à frente (1x4x3x3), porém quando defende o faz deixando dois futebolistas frente à (1x4x4x2) (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.165).

Estratégia é uma palavra bastante difundida no meio esportivo, o futebol não se diferencia, pois seja em entrevistas dos técnicos ou em discussões de torcedores o termo estratégia é recorrente.

Frisselli e Mantovani (1999) falam de estratégia como ações, provenientes da bola parada, que se podem desenvolver e aplicar durante uma partida de futebol, com o intuito de neutralizar ou suplantar o adversário, podendo usar como exemplo dessa estratégia, jogadas

trabalhadas para os escanteios, faltas, reposições de bola, tanto no plano ofensivo como no defensivo.

São todas as definições tomadas pelo time para explorar as deficiências dos rivais durante a partida. Também se leva em conta as qualidades do rival que podem ser evitadas. A estratégia também inclui todas as jogadas de bola parada, as jogadas ensaiadas. Para que as jogadas de bola parada dêem bom resultado, elas precisam ser bem treinadas. [...] As jogadas ensaiadas podem ser realizadas em qualquer tipo de situação de bola parada (BEBETO; VALDANO; COELHO, 2006, p.85).

“Em sentido amplo, estratégia é planejamento visando a atingir determinado objetivo, explorando os fatores favoráveis e usando os meios disponíveis, quando, onde e como quiser.” (LEAL, 2001, p.98)

CAPÍTULO 2
DICIONÁRIO TÁTICO DO FUTEBOL

Neste instante, será explicitado o mundo tático, suas ações, posicionamentos, funções, manobras e atitudes tomadas pelas equipes para beneficiarem-se dentro de uma partida frente a um adversário.

2.1. Tática Ofensiva

A princípio trataremos a tática ofensiva, seus conceitos, constituição e características relacionadas a esta forma de buscar a vitória, vencer a batalha e derrotar o adversário. Fazendo um paralelo entre o futebol e a tática inserida nas guerras, especificamente a tática ofensiva, Napoleão Bonaparte dizia: “Penso como Frederico, o Grande: deve-se ser sempre o primeiro a atacar”.

Frisselli e Mantovani (1999) conceituam táticas ofensivas ou princípios ofensivos as atitudes técnico-táticas desenvolvidas por uma equipe, quando esta possui a bola, tendo como objetivo a finalização ao gol adversário. Dividindo-as em doze ações: desmarcação, ataques, contra-ataques, ocupação do campo, marcação ofensiva, apoios, trocas de orientação, imprimir velocidade ao jogo, permutas ofensivas, posse de bola e controle de jogo, variação do ritmo de jogo e ocupação dos espaços livres.

Para Melo (2000) o jogo ofensivo tem como características as jogadas individuais e coletivas ou combinações entre os atletas, com o intuito de ludibriar a defesa adversária, colocando-a numa situação mais próxima ao erro, trazendo assim a possibilidade da finalização ao gol. Para efetuar um bom ataque é necessário amplitude, abrir o jogo, penetração, jogar em profundidade, mobilidade, desmarcação e também a improvisação.

“Tomar a iniciativa das ações é fundamental, já que a vitória não pode ser alcançada por meio de um constante posicionamento defensivo.” (REALE, 2004, p.26)

Falando da tática ofensiva voltada para a individualidade em prol do coletivo Fernandez (1994) relata que a tática individual ofensiva é composta basicamente pelos seguintes elementos: passe, centros ou cruzamentos, chutes, dribles e fintas, domínio e

condução da bola, desmarcação e criação de espaços e a atitude de oferecer-se ou apresentar-se para o jogo.

As manobras ofensivas têm início na retomada da posse de bola, objetivando a recuperação do espaço perdido e o gol. Quando somos atacados, a linha imaginária da bola que se desloca paralelamente à linha de fundo e os jogadores adversários, vão nos comprimindo em nosso campo e, desta forma, reduzindo nosso espaço de atuação (REALE, 2004, p.92).

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) destacam alguns integrantes destes princípios ofensivos como o tocar e receber, o tão falado um dois, o deslocamento na tentativa de desvencilhar da marcação, o pivô, a retenção da bola para a chegada, aproximação dos companheiros e até mesmo jogar em bloco, atuando de maneira coletiva, sem deixar espaços.

É o retrato de jogo de uma equipe que joga sistematicamente no ataque. O ataque organizado ou futebol apoiado é o recurso mais utilizado pelos times ofensivos. A postura de ataque organizado é aquela realizada numa situação de equilíbrio de forças entre as duas equipes conflitantes. Invariavelmente, o ataque se opõe a uma defesa que está bem postada no setor. Nessas circunstâncias, é necessário organizar as ações ofensivas com planos seguros e treinamentos bem elaborados no campo das esquematizações táticas (jogadas ensaiadas) (DRUBSKY, 2003, p.223).

2.2. Tática de Bola Parada

Dentro destas ações ofensivas discutidas acima se inclui a tática de bola parada, oportunidade de atacar, criar possibilidades de gol.

Fernandes (1994) divide a tática de bola parada em cobranças de lateral, tiro livre, pênalti, escanteio e tiro de meta, além de frisar a sua importância, desde que a equipe beneficiada de alguma destas cobranças utilize manobras treinadas e automatizadas nos treinamentos específicos para tirar qualquer vantagem satisfatória.

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) credenciam a tática de bola parada um instrumento importante no futebol, desde o tiro de meta e pontapé inicial, passando pelo escanteio, tiro

livre direto e indireto, chegando ao pênalti, a bola parada é chance real a ser treinada especificamente, ensaiada e automatizada para ganho ofensivo e produção de gols.

2.3. Tática de Contra-ataque

Uma ação tática interessante e utilizada constantemente no futebol é o contra-ataque uma forma surpreendente de combinar ações defensivas e ofensivas.

Para Drubsky (2003) a ação do contra-ataque representa uma idéia tática em que, sistematicamente, a equipe fica mais atrás ou totalmente recuada no campo de jogo e, ao recuperar a posse de bola, parte para a ação ofensiva, incisiva explorando os desequilíbrios quanto ao número e posicionamento dos jogadores da equipe adversária.

2.4. Tática Defensiva

Após revelarmos as ações ofensivas, o ataque propriamente dito, chegou a hora de discutirmos um pouco dos princípios defensivos, da marcação e formas de evitar, bloquear os ataques e ensejos ofensivos dos adversários.

Táticas ou princípios defensivos são aquelas ações realizadas pelos futebolistas de uma equipe, quando não estão com a posse de bola. Didaticamente podemos dividi-las em 10 ações: vigilância, marcação, volta da marcação, quebra de ritmo, coberturas, permutas, entradas, cargas, antecipação, interceptação (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.170).

“Defender é a arte de fechar espaços, diríamos sem receio de errar.” (LEAL, 2001, p.81)

As manobras defensivas objetivam salvaguardar a nossa meta contra o ataque adversário. A cobertura, a ação retardadora que atrasará o contra-ataque do adversário, visando que a equipe se recomponha defensivamente, a compactação (diminuição dos espaços), o equilíbrio numérico entre os defensores e os atacantes adversários e a linha de impedimento são exemplos de manobras defensivas (REALE, 2004, p.92).

Falando de tática individual defensiva e seus princípios: marcação, cobertura e bloqueio, Fernandes (1994, p.83), “quando uma equipe perde a posse da bola começa o jogo defensivo, momento em que devem ser aplicados os princípios da tática individual defensiva, que só termina com a recuperação da bola.”

2.5. Marcação

A marcação é um dos princípios defensivos mais utilizados no futebol, e a toda hora vem sendo debatidos sua forma, tipo e composição.

“Ato ou efeito de marcar’. Posicionamento do jogador ou do time em campo entre o marcado e o meio da linha de gol, tão perto quanto possível, com o objetivo de impedir que os adversários joguem livremente.” (LEAL, 2001, p.59)

“Marcação é a forma de se restringirem o tempo e o espaço que um jogador adversário tenha, durante uma partida, para criar situações que possam trazer perigo para a nossa equipe.” (MELO, 2000, p.39)

Existem vários tipos de marcação, de formas, maneiras de atrapalhar a posse de bola adversária ou mesmo facilitar o desarme e propiciar um contra-ataque. Uma destas formas é a consagrada marcação individual.

“Em inglês, *man to man*’. Nesta, cada jogador de defesa tem sob sua responsabilidade um adversário predeterminado, a quem caberá marcar, controlar e anular, impedindo-o de jogar, quando o time adversário tenha a bola.” (LEAL, 2001, p.61)

Como o próprio nome já preceitua, nesse tipo de marcação nossos atletas necessitarão de um excelente preparo físico, aliado a uma enorme disposição e treinamento, pra serem determinados e, é claro, bons marcadores. Nesse sistema, procuramos superar as condições de nossos adversários, por meio da limitação de seu espaço e campo de ação (SANTOS FILHO, 2002, p.50).

“A marcação individual é aquela onde um jogador se incumbe insistentemente de neutralizar as ações de um contrário.” (DRUBSCKY, 2003, p.232)

A marcação por zona também tem seu espaço nas pranchetas dos treinadores de futebol e em várias defesas de times de sucesso.

Segundo Leal (2001) marcação por zona ou em inglês, *zone marking*, é realizada a partir dos setores, porções do campo: defesa, meio-campo e ataque, tal marcação é conseguida pela divisão do campo, no seu comprimento, em três partes iguais: a defensiva, a intermediária e a de ataque; e na sua largura outras três faixas ou corredores principais, a direita, a central e a esquerda.

“É aquela em que um ou mais jogadores ficam incumbidos de marcar determinado setor do campo. A flutuação do adversário obriga seus marcadores a constantes mudanças de tarefas e deslocamentos no terreno de jogo.” (DRUBSCKY, 2003, p.233)

“Neste tipo de marcação, como o próprio nome já preceitua, deve-se dividir o campo em zonas e, a partir daí, definir os atletas que serão responsáveis pela marcação em cada zona correspondente.” (SANTOS FILHO, 2002, p.52)

Outra marcação conhecida é a mista, uma espécie de fusão das marcações citadas anteriormente, individual e por zona.

Leal (2001) fala da marcação mista denominando-a como combinada, em inglês *mixed zone*, em que uma parte da equipe marca por zona ou setor definido enquanto outros atletas utilizam a marcação individual a fim de anular os principais jogadores da equipe adversária.

A marcação por pressão quer seja total ou de forma fragmentada também é uma maneira ousada de complicar as ações ofensivas adversárias.

“A marcação por pressão é a postura agressiva e conjunta exercida por um grupo de jogadores ou, até mesmo, por toda equipe com o propósito de tomar a bola do adversário ou não lhe permitir que progrida em campo.” (DRUBSCKY, 2003, p.235)

Sobre a marcação com meia pressão, Santos Filho (2002) define como a marcação em que se teria um marcador ocupado em dar combate ao atleta de posse da bola, procurando

diminuir seus espaços e a distância entre ele e seu adversário, visando, com esse procedimento, induzir e apressar o mesmo a realizar o passe, em condições adversas e com maior probabilidade de erro.

Já a respeito da marcação com pressão total, Santos Filho (2002) conceitua como uma forma de pressionar o adversário utilizando toda a equipe, por todo o campo, sobretudo o jogador com a posse da bola reduzindo os espaços e o tempo para pensar em uma jogada mais adequada aquele instante.

2.6. Tática de Impedimento

Uma boa maneira de incomodar o ataque adversário é a utilização da linha de impedimento, artifício utilizado por inúmeros técnicos e suas defesas bem treinadas.

A tática do impedimento é uma possibilidade para recuperar a bola, deixando o rival sem opção ofensiva. Para que a execução da linha defensiva seja perfeita, ela deve permanecer sempre compacta, com um homem guia para orientar a saída em bloco, única forma de deixar o atacante em impedimento (BEBETO; VALDANO; COELHO, 2006, p. 94).

2.7. Tática de Posicionamento

O posicionamento tático é um dos fatores primordiais, um pré-requisito básico para instalar-se um sistema tático em uma equipe ou mesmo investir em ações e manobras táticas durante as partidas.

Os técnicos espalhados pelo Brasil, ao discutirem futebol e sua tática, seu sistema de jogo, não se cansam de citar tais posicionamentos, qualquer seja a posição, goleiro, lateral, zagueiro, volante, meia, armador, atacante, ponta e centroavante.

2.7.1. Goleiros

“Costuma-se dizer que uma grande equipe começa com um ainda maior goleiro’. Daí a enorme responsabilidade que recai sobre si, visto ser ele o último obstáculo a ser transposto para a feitura do gol.” (ANJOS, 1990, p.99)

Para Santos Filho (2002) o goleiro além de possuir uma quase padronizada estrutura física que compreenda boa estatura, elasticidade, flexibilidade, resistência, equilíbrio, coordenação, velocidade de reação, impulsão e a agilidade também deverá ter como características técnicas, habilidades específicas da posição como: pegada, visão panorâmica, firmeza, intimidade com a bola, caídas, rolamentos, recuperação e reposição de bola com as mãos e os pés.

Como está colocado atrás dos seus companheiros, tem uma visão mais ampla, podendo avaliar melhor todas as situações de jogo. Isto lhe possibilita orientar e comandar todas as manobras de marcação, devendo, para isto, estar sempre gritando para ordenar o posicionamento e as ações dos seus companheiros (FERNANDES, 1994, p.87).

De acordo com Bebeto, Valdano e Coelho (2006) a intuição é uma válida característica de um bom goleiro, já que intuir a jogada permitirá a esse goleiro antecipar-se a ela e evitar o perigo.

O goleiro representa uma estrutura tática fixa, com funções muito distintas das outras. É consenso na comunidade esportiva do futebol a necessidade de uma linha de treinamentos especiais para os atletas que atuam praticamente sozinhos num esporte coletivo. A motivação em doses extras para o trabalho dos goleiros é fator importante para a produtividade deles (DRUBSCKY, 2003, p.253).

2.7.2. Laterais

“É o jogador da defesa que atua quase sempre junto à linha lateral do campo, uma vez que, sua função, é, principalmente, marcar o ponta adversário, sempre que sua equipe estiver sendo atacada.” (ANJOS, 1990, p.102)

Santos Filho (2002) destaca que a posição de lateral exige qualidades físicas de resistência, velocidade, coordenação e agilidade e técnicas de desarme, antecipação, domínio de bola e dos espaços, precisão no passe e nos cruzamentos e recuperação.

Pode-se até dizer que é a posição mais difícil no futebol de hoje, porque, além de bom marcador, o lateral necessita tornar-se um ponteiro ofensivo, praticamente em todas as ações de ataque de sua equipe. Esta situação, que era esporádica, atualmente é constante (FERNANDES, 1994, p.88).

Os alas, como são denominados os homens que atuam mais ofensivamente nas laterais do campo, estão muito presentes nos desenhos táticos atuais. São os jogadores que atuam sistematicamente buscando o jogo e criando jogadas ofensivas pelas laterais do campo (DRUBSCKY, 2003, p.254).

2.7.3. Zagueiros

Para Fernandes (1994) o zagueiro deve basicamente ser responsável pela marcação na zona central de uma defesa sendo vigilante sobre todas as ações que ocorrem nesta zona, principalmente na frente de seu gol, somando-se a isso a função de cobrir os laterais quando estes se transformam em atacantes.

Normalmente, deve ser um jogador com boa estatura, bom cabeceador, rápido nos raciocínios, eficiente nas antecipações, veloz nos arranques, versátil no contato com a bola, enfim, um jogador cuja responsabilidade lhe é altamente imposta pelas circunstâncias, visto ser ele teoricamente o último homem antes de o adversário tentar o chute a gol (ANJOS, 1990, p.108).

“Os zagueiros são extremamente importantes nas ações defensivas de uma equipe, por isso merecem análise especial’. Os jogadores que defendem nesse setor precisam ser escolhidos criteriosamente, além de muito bem treinados.” (DRUBSCKY, 2003, p.259)

Quanto às qualidades psicológicas a serem desenvolvidas e que podem ser compreendidas como fundamentais para nossos zagueiros, destacamos: liderança, determinação, coragem, maturidade, tranquilidade, controle emocional e decisão (SANTOS FILHO, 2002, p.89).

2.7.4. Volantes

“É o jogador, cuja versatilidade é notada em todas as jogadas, visto ser ele um misto de defensor e atacante, brigador e cadenciador, lançador e ou interceptador de lançamentos em profundidade contra sua equipe.” (ANJOS, 1990, p.111)

Geralmente, são atletas desenvolvidos nas qualidades físicas de força e resistência, que sabem marcar muito bem, além de, tecnicamente, saberem jogar. Pelo menos para saírem com a bola da defesa. Mas o futebol moderno não está se contentando só com isso. [...] Além de proteger os zagueiros e cobrir as laterais, é comum subir ao ataque para municiar os atacantes e até fazer gols (DRUBSCKY, 2003, p.261).

2.7.5. Meio-campistas / Armadores

“Compete a ele articular todas as jogadas no setor de meio campo, sair tabelando com os companheiros se for o caso, ou ainda fazer lançamentos à frente, visando sempre os companheiros do ataque melhores posicionados.” (ANJOS, 1990, p.112)

Santos Filho (2002) relata que as exigências técnicas para um meio-campista são: o desarme, a antecipação, a recuperação, a habilidade com a bola, a visão panorâmica e de profundidade, o drible para frente, o passe, o lançamento e a finalização.

Os jogadores que atuam na chamada zona de construção, local onde se preparam as ações ofensivas ou se organiza o sistema defensivo quando não se está com a posse da bola, são denominados meio-

campistas. Os jogadores que compõem este setor do campo são responsáveis por todo equilíbrio da equipe. Cadenciando o jogo ou dando-lhe maior velocidade, garantem a posse da bola, ajudam a defesa, apóiam e armam o ataque, fazem gols e, normalmente pela habilidade que possuem, são os que chutam os tiros livres (FERNANDES, 1994, p.90).

Drubsky (2003) divide em quatro posições a função de meio-campista de acordo com as respectivas características, mobilidade e fluidez para o meia rotativo ou meia trabalhador, precisão em passes longos para o antigo meia lançador, criação e passes decisivos para o meio criativo e aproximação aos atacantes, liberdade e finalização para o meia ofensivo.

“Considerados, pela soma de fatores, o cérebro, o pulmão e o coração dos times de futebol.” (LEAL, 2001, p.35)

2.7.6. Pontas

“É o jogador de ataque que deve atuar bem junto à linha lateral do campo’. Sua ação fundamental é, principalmente, conduzir a bola até bem próximo da linha de fundo e fazer os cruzamentos em direção da grande-área.” (ANJOS, 1990, p.117)

Para Santos Filho (2002) os pontas geralmente são bons no fundamento do drible, passe, cruzamento e finalização, velozes e hábeis no manejo e condução da bola, sobretudo possuem uma visão de jogo e profundidade apurada.

Apesar de especialistas, são bem mais utilizados no futebol moderno que o centroavante de origem, principalmente porque são atacantes que atuam nas laterais do campo e têm como principal função municiar os companheiros com jogadas de gol (DRUBSKY, 2003, p.268).

2.7.7. Centroavantes

Santos Filho (2002) enumera as qualidades e características de um centroavante, são elas: força, impulsão, velocidade de reação, cabeceio, penetração, finalização, visão panorâmica, colocação, movimentação constante e para todos os lados, sobretudo coragem, combatividade, personalidade, iniciativa determinação e decisão.

É o jogador da equipe que em campo tem menos liberdade, visto estar sempre, ao transcorrer da partida, super marcado. Sendo ele atacante que atua mais no centro do campo, e por força da função, mais próximo do gol adversário, é evidente que deva merecer vigilância contínua de vários marcadores (ANJOS, 1990, p.113).

“Este é um especialista que está caminhando para a extinção’. É um dos raros exemplos de estrutura tática fixa do ataque no futebol. Geralmente, movimenta-se muito pouco em campo e facilita a marcação do adversário.” (DRUBSCKY, 2003, p.268)

CAPÍTULO 3

FATORES QUE INFLUENCIAM TATICAMENTE NUMA PARTIDA DE FUTEBOL

Nesta parte do trabalho trataremos dos aspectos que mexem com a tática de um jogo de futebol, desde os protagonistas do espetáculo, como os jogadores, bem como os regentes, no caso do futebol, os técnicos não se esquecendo também das condições externas em geral.

3.1. Jogadores

São muitos os motivos que impulsionam milhares de jovens para a prática do futebol, dentre eles destacam-se: prazer pelo esporte propriamente dito, salários extremamente generosos para aqueles que conseguem ser contratados pelos grandes clubes, possibilidade de ascensão social e fama (REALE, 2004, p.100).

O atleta, na sua forma e estrutura, no seu aspecto exterior, na compleição, digamos assim, pouco difere dos demais mortais. [...] Mas, o que distingue o atleta do homem comum, na realidade, é a ênfase dos seus dotes naturais, pelo seu treinamento e aperfeiçoamento continuados (LEAL, 2001, p. 227).

Para um jovem talentoso tornar-se um atleta de sucesso e auxiliar taticamente sua equipe nos diversos jogos de uma temporada, será necessária técnica apurada para realização de sua função, preparo físico para suportar tal responsabilidade durante todo o jogo, bom estado mental para realizar seu papel com paciência, serenidade e inteligência para entender as estratégias que o técnico sugere.

3.1.1. Técnica

“A técnica é a habilidade de usar todas as zonas do corpo, exceto os braços e as mãos, para dominar a bola.” (BEBETO; VALDANO; COELHO, 2006, p.20)

É o conjunto de fundamentos básicos que diferencia o futebol dos demais esportes, cuja peculiaridade está, principalmente, no uso dos pés e pernas para executar as ações básicas para defender (desarmar), manter a bola (dominar, controlar, levantar, proteger, conduzir e passar) e atacar (fintar, driblar, assistir, chutar, cabecear e finalizar), para marcar gols. Outras partes do corpo, como a cabeça, o peito e os ombros, também são usados para a execução de algumas ações básicas (LEAL, 2001, p.104).

“Possuir craques na equipe, por si só, não garante as vitórias. No entanto, uma equipe de modesto potencial técnico não terá capacidade para tornar bem sucedido um planejamento.” (REALE, 2004, p.39)

A técnica pode ser considerada como o principal fator na elaboração de um plano tático, por se tratar de mecanismo puramente individual que, somado a outros requisitos, levará seguramente a equipe a resultados convenientes. A tática não sobrevive sem a técnica, pois desta dependerão quase todas as evoluções táticas de uma equipe. A técnica, apesar de muitas vezes ser dom inato de alguns atletas, pode e deve ser burilada, durante os treinamentos, uma vez que aqueles menos favorecidos, ou que não a possuam poderão adquiri-la, com o decorrer do tempo, enquanto aqueles outros estarão se aprimorando, cada vez mais (VIANA; RIGUEIRA, 1990, p.394).

3.1.2. Preparação Física

“A preparação física dos atletas sempre foi e sempre será um divisor de águas ao longo das competições.” (REALE, 2004, p.42)

Para Beбето, Valdano e Coelho (2006) através da preparação física se consegue as condições adequadas para jogar o futebol e se aproveitam melhor as capacidades de cada jogador, isto é, quando um atleta atinge um alto nível de condicionamento físico conseqüentemente obterá um bom desenvolvimento das qualidades técnicas e das disposições táticas.

“Todos os jogadores devem estar cuidadosamente preparados fisicamente para renderem o máximo nas partidas que forem escalados para jogar.” (ANJOS, 1990, p.57)

Para que a tática seja perfeitamente utilizável, deve-se ter conhecimento profundo da capacidade física dos nossos jogadores, evitando determinar tarefas que não sejam condizentes com seu estado, como, por exemplo, determinar a um armador que faça lançamentos em profundidade, para um ponteiro que não esteja fisicamente bem condicionado, para suportar uma seqüência razoável de intervenções (VIANA; RIGUEIRA, 1990, p.393).

A preparação física tem por objetivo o aperfeiçoamento das qualidades físicas gerais utilizadas no futebol, bem como as específicas para o exercício de cada função. Dever de ofício, direcionar o trabalho pelas fases de preparação, cientificamente reconhecidas, até o ápice da forma, a ser atingido no momento azado, de acordo com a estratégia estabelecida no planejamento do treinamento para a competição, ou para a temporada (LEAL, 2001, p.129).

3.1.3 Preparo Psicológico

Reale (2004) fala que o estado emocional individual e coletivo exigem um psicólogo, realizando o acompanhamento especializado, pois as pressões sofridas durante a competição devem ser administradas. A psicologia esportiva é um dos caminhos para aumentar tal competência emocional dos atletas e tem como alguns de seus objetivos trabalhar o inter-relacionamento entre os componentes do grupo, o nível de ansiedade de cada atleta antes das partidas, desenvolver o autocontrole e tentar dosar a vaidade excessiva de alguns jogadores.

Em outras palavras, um atleta sem preparo psicológico adequado que lhe permita desempenhar-se bem sob pressão, competir com dor, concentrar-se, manter o foco, ter sentimentos positivos e participar das competições sentindo-se confiante e tranqüilo, terá poucas chances de alcançar um bom desempenho. Isso porque, no alto nível, as habilidades esportivas de diferentes esportistas se igualam. Portanto, precisam de mais do que um alto nível de treinamentos físicos, técnicos e táticos; eles precisam estar bem preparados psicologicamente. Assim, aos atletas são necessários três requisitos básicos para a excelência no esporte: talento, treinamento intenso e cabeça (ORLICK 1986, *apud* BRANDÃO, 2004, p.206)

3.1.4. Capacidade Cognitiva

Embora os atletas tenham desempenho físico e técnico bons, ainda lhes é preciso capacidade de assimilação teórica das táticas que a eles forem confiadas. O nível intelectual heterogêneo, comum no meio futebolístico, talvez seja uma das maiores dificuldades encontradas pelo treinador, para introdução dos ensinamentos táticos teóricos (VIANA; RIGUEIRA, 1990, p.393).

Fernandes (1994) defende o desenvolvimento de todas as capacidades dos atletas, através dos treinamentos e jogos propriamente ditos, inclusive das capacidades cognitivas, quanto aos conhecimentos táticos, a inteligência de jogo e a capacidade mental de adaptação, modificação e aprendizagem.

3.2. Técnicos

A difícil arte de comandar no futebol requer competência profissional, capacidade de decisão, inteligência social e liderança. A prática da liderança consiste em influenciar as pessoas, de tal modo que possamos conquistar sua confiança, respeito e lealdade. Além disso, valores como caráter, seriedade, ponderação, coragem, moral e a autocrítica devem ser sempre cultuados. Também é verdade que um líder nasce e cresce com o grupo, fazendo parte dele (REALE, 2004, p.97).

Leal (2001) fala sobre os variados tipos e estilos de técnicos, são eles: o ditador, centralizador, o senhor das regras; o casual que se encontra circunstancialmente no cargo; o democrático que interage dentro das leis e convive em harmonia com todos; o estrategista, possuidor de grande conhecimento prático e tático do jogo; o disciplinador com sua rigidez e severidade no cumprimento das regras; o trabalhador o qual aposta todas as fichas no trabalho árduo e de alta intensidade de treinamentos; o versátil, detentor da capacidade de variar e diversificar o rumo do seu trabalho; o amigo e seu modo paizão de tratar a todos; o psicólogo, sensível e motivador procura tirar algo mais de cada atleta e por último o jabazeiro distribuidor de propinas e favores para se beneficiar de diferentes formas.

Drubscky (2003) ressalta a importância do técnico, um dos protagonistas do jogo de futebol, indivíduo responsável pela interpretação e interferência nos fatos ocorridos em uma partida de futebol. Devido a esta responsabilidade deverá este treinador tecer um planejamento tático para cada partida e utilizar uma eficiente didática para expô-lo para seus jogadores, a fim de minimizar possíveis erros. Outra faceta deste comandante será a leitura e análise apurada do jogo, global e analítica, isto é, o funcionamento do desenho tático, da

postura em campo, da forma de marcar, do rendimento individual, e de possíveis pontos fracos do adversário a explorar ou neutralizar. Este gestor ou técnico necessita também de um auxiliar que registre os diversos dados técnicos do jogo, através de um mapeamento técnico de observações, o chamado scout, para a citada análise durante e depois das partidas.

Santos Filho (2002) cita alguns mandamentos do técnico de futebol, são eles: conhecer as regras do jogo, seus fundamentos, táticas e regulamentos; saber conduzir os treinamentos de forma progressiva e evolutiva; elaborar um planejamento que visa retirar o máximo do potencial de cada atleta; conscientizar os atletas da importância do treinamento e das consequências de sua ausência; manter sempre a disciplina e a ordem sem jamais ser autoritário e intransigente; motivar os treinamentos, a fim de atingir os objetivos propostos; ficar sempre em alerta para prevenção de possíveis situações que perturbem a paz do ambiente de trabalho; incentivar e valorizar a formação de novos líderes entre os atletas para facilitar seu trabalho, objetivando o aumento da produtividade; procurar ser claro e direto em suas explanações para melhorar a compreensão e futuro sucesso prático; por último ser imparcial em suas intervenções, agindo com justiça e igualdade para com todos.

3.3. Adversários

“Estudar o adversário, sempre foi e sempre será fundamental. É uma prova de sabedoria não subestimá-lo, para se prevenir contra suas possíveis ações. Os fatores de força devem ser neutralizados e os de fraqueza, explorados.” (REALE, 2004, p.48)

Condições da equipe adversária: caso seja superior tecnicamente, deverá receber uma marcação sob pressão para que não desenvolva seu jogo; caso seja uma equipe fisicamente mais forte, seus futebolistas deverão ser orientados a tocar a bola rapidamente, a fim de evitar o choque físico; se é uma equipe mais forte física e tecnicamente, adote várias precauções extras, jogue bem fechado e em ações de contra-ataque (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.166). Muitas falhas do adversário poderão beneficiar a nossa equipe, se as explorarmos convenientemente. Dentre estas se citam: preparação física inadequada, inabilidade técnica, má distribuição tática, estado psicológico desfavorável e outros. É necessária a capacidade de observação e análise do treinador que, estando fora do calor da

competição, terá a tranquilidade suficiente e o conhecimento indispensável para explorá-las devidamente. Se, por outro lado, sua equipe for surpreendida com um desempenho superior da equipe adversária, ele deverá estar munido de meios para modificar a esquematização tática da equipe (VIANA; RIGUEIRA, 1990, p.397).

3.4. Condições Externas

3.4.1. Condições e Dimensões do Campo de Jogo

A qualidade e o tipo dos gramados exigem treinos de reconhecimento e influenciam na forma de jogar. Disputar uma partida de futebol num campo irregular e cheio de buracos não é tarefa simples. Uma boa alternativa é jogar no erro do adversário, onde, por exemplo, ao posicionarmos os atacantes para recebimento dos lançamentos, estes procurem jogar nas sobras oriundas das falhas dos zagueiros (REALE, 2004, p.60).

O estado do campo pode mudar o jeito do time e até forçar um técnico a escalar jogadores mais pesados em gramados piores. Na Copa de 38, o técnico do Brasil, Ademar Pimenta, escalou de acordo com as condições de cada campo (BEBETO; VALDANO; COELHO, 2006, 119).

Fernandes (1994) fala sobre as dimensões de um campo de futebol, e sua interferência na maneira de atuar de uma equipe. O campo grande favorece as equipes com melhor preparação física e permite as constantes viradas de jogo, no campo pequeno o jogo defensivo e também os jogadores ágeis têm a preferência, o campo comprido e estreito dá a defesa vantagem e as jogadas em profundidade são as melhores alternativas, no campo largo os atacantes são beneficiados podendo abrir o jogo pelas extremidades e por último, o campo irregular onde o controle da bola é mais difícil, privilegiando assim os jogadores de combate.

Se o campo é de dimensões máximas, pode permitir um jogo de lançamentos; se o campo é de dimensões mínimas, é mais aconselhável um jogo de passes curtos. A verificação do estado do terreno de jogo (duro, fofo, grama alta, muito baixa, sem grama), também deve influenciar a escolha da forma de organização e as táticas e estratégias a serem utilizadas pela equipe (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.166).

3.4.2. Condições Climáticas

A chuva, a temperatura média e a umidade influenciam o desempenho das equipes durante os jogos. Vale lembrar que, para evitar os famosos escorregões dos jogadores, utilizar o tipo e tamanho das travas das chuteiras adequados para os jogos realizados nos campos encharcados pela chuva é fundamental (REALE, 2004, p.58).

“A chuva, a neve e o sol podem tornar o campo mais pesado, molhado ou seco demais. Isso pode também definir uma alteração no time escalado. A opção pode ser por jogadores mais leves ou mais pesados.” (BEBETO; VALDANO; COELHO, 2006, p.119)

Se as condições meteorológicas são adversas e impedem o desenvolvimento de um estilo de jogo, baseado na velocidade de passes e deslocamento, a utilização de estratégias e táticas que enfatizem essa situação tendem a mostrarem-se infrutíferas. Por outro lado as condições climáticas, como o frio, o calor, o horário da partida, também devem ser levadas em consideração quanto à escolha das táticas a serem adotadas (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.165).

Fernandes (1994) lembra que os fatores climáticos alteram o desenvolvimento normal de uma partida e devem ser sempre considerados. Por exemplo, um time situado em campo a favor do vento, deverá buscar os chutes de longa distância aproveitando a trajetória oscilante que a bola poderá traçar já uma equipe que joga a favor do sol, deverá alçar bolas altas ou dar prioridade a lançamentos longos para expor a defesa e o goleiro adversário a tais raios solares, e os times dificultados pela ação contrária do vento e do sol deverão alertar suas defesas a evitar os chutes de longas distâncias e fazerem coberturas, a fim de corrigir erros eventuais.

CAPÍTULO 4
EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS TÁTICOS

Neste capítulo trataremos da cronologia dos sistemas de jogo, isto é, sua longa jornada pela linha do tempo, suas múltiplas características e variadas formações até chegarmos aos esquemas atuais.

4.1. 1810 a 1863, a tática primitiva



Unzelte (2002) conta que até o futebol ser regulamentado, regido pelos ingleses, em 1863, todo mundo tinha pretensões de ir para o ataque. Esse sistema de jogo ou ausência, falta deste, definiu-se atualmente como um ousado ou suicida 1-10. Os times eram compostos de dez atacantes, tendo no goleiro, na época chamado de espectador ou vigia como seu único defensor, com a função única de evitar gols adversários.

4.2. 1863 a 1870, as primeiras táticas



Leal (2001) fala dos tempos em que já se contavam onze jogadores, sendo um o goleiro e os demais distribuídos como: um beque ou defensor, um meio-campista e oito atacantes, num rascunho de sistema de jogo que se pode resumir como G-1-1-8 ou apenas 1-1-8 não mencionando o goleiro.

Frisselli e Mantovani (1999) explicam o sistema de jogo realizado na Inglaterra, em 1870, formado por um goleiro, um zagueiro, dois jogadores de meio-campo e sete atacantes; 1x1x2x7, sendo o drible o fundamento mais utilizado pelas equipes.

4.3. 1870 a 1880, o início da preocupação defensiva



Por ocasião dos primeiros amistosos contra a seleção inglesa, os escoceses começaram a se preocupar um pouco mais com a defesa. Os beques (atrás) e os médios (no meio) passaram a ser dois e os atacantes seis (2-2-6). A idéia pode ter sido escocesa, mas o principal divulgador dessa formação foi o time inglês Sheffield, obrigando seus rivais a fazerem o mesmo (UNZELTE, 2002, p.667).

“O drible e o passe longo ainda eram a suprema habilidade, e o passe curto, o último recurso.”

(LEAL, 2001, p.39)

4.4. 1880, o sistema Clássico ou Piramidal



Foi a partir desse sistema que, em 1883, os técnicos de então passaram a buscar um maior equilíbrio entre defesa e ataque, surgindo então um sistema clássico, chamado de piramidal, em que as equipes jogavam com um goleiro, 2 zagueiros, 3 médios e 5 atacantes; 1x2x3x5 (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, 158).

“Além da distribuição mais equilibrada, as funções de cada jogador foram definidas de forma que permitissem o bom funcionamento do sistema, com as peças se encaixando como num quebra-cabeça.” (LEAL, 2001, p.39)

Unzelte (2002) lembra que o sistema 2-3-5 foi adotado pela primeira vez pelo time inglês Nottingham Forest e o novo médio do meio, centromédio ou “center half” tem a função de auxiliar a defesa e de distribuir jogadas para os atacantes desta equipe.

“Este sistema durou uns cinquenta anos, sendo utilizado pela equipe uruguaia, durante a Copa do Mundo (1930) realizada no Uruguai, que teve o privilégio de organizá-la, em função de ser a equipe bicampeã olímpica.” (MELO, 2000, p.25)

4.5. 1925, o nascimento do sistema WM



Em 3 de outubro daquele ano, o Arsenal perdeu de 7 a 0 para o Newcastle. À noite, o meia-direita Charlie Buchan, líder do time, reuniu-se com Chapman e propôs-lhe recuar mais um zagueiro, para impedir que a zaga continuasse a ficar exposta, como ocorrera naquele dia. Já na partida seguinte, armado num 3-2-2-3 em que a disposição dos jogadores em campo formava gráfico semelhantes às letras WM, o Arsenal venceu o West Ham por 4 a 0 (ASSAF, 2002, p.25).

A lei do impedimento é um dos fatores preponderantes para a revolução de Chapman, isto é, a regra defrontando-se com a tática no futebol.

Depois que a lei do impedimento foi mudada, em 1925, passando a dar condição legal de jogo ao atacante que tivesse, no mínimo, dois (e não mais três) adversários entre ele e a linha de fundo, o técnico Herbert Chapman, do Arsenal de Londres, reforçou sua linha de zagueiros com o recuo do centromédio (o médio do meio). Dois atacantes também recuaram um pouco mais, tornando-se meias. Como a disposição dos jogadores em campo lembrava o desenho das letras W e M, sobrepostas, elas acabaram batizando esse esquema tático. O WM foi trazido para o Brasil em 1937, pelo técnico húngaro Dori Krueschner, contratado pelo Flamengo (UNZELTE, 2002, p.668).

“Com este sistema, foi criada a marcação individual, já que no sistema clássico ou piramidal, era realizada a marcação por zona.” (MELO, 2000, p.27)

Frisselli e Mantovani (1999) falam da Copa do Mundo de 1950, e do sistema de jogo WM, 25 anos após a sua aparição, foi o mais utilizado pelas equipes integrantes deste

mundial, porém surgiu a necessidade maior de marcar e desmarcar e os futebolistas não estavam preparados para nenhuma dessas ações táticas.

Ninguém poderá negar que essa tática deu mais segurança aos movimentos das equipes do velho mundo. Mesmo assim, a habilidade individual dos times sul-americanos, equilibrou muitos jogos dos inúmeros que foram efetuados entre conjuntos dos dois lados do Atlântico (MENDES, 1979, p.45).

4.6. Diagonal



Em 1941, após uma excursão na Argentina, na qual Flamengo e Fluminense foram humilhados dentro do campo de jogo, os técnicos Flávio Costa (Flamengo) e Ondino Vieira (Fluminense), aprendem a lição e começam a implantar o WM com uma pequena variação (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.160).

Ao longo do tricampeonato carioca que conquistou com o rubro-negro, entre 1942 e 1944, Flávio pôs em prática o esboço da diagonal, uma variação do WM em que os três médios se dispunham em uma linha diagonal, é claro no Flamengo, o treinador a utilizou a partir da direita, com Biguá, Bria e Jayme. [...] É importante ressaltar que os jornais, por um hábito conservador, insistiam em fornecer as escalações na disposição 2-3-5, embora na prática tal combinação já estivesse há muito superada (ASSAF, 2002, p.40).

“Quase simultaneamente, o Fluminense Football Club deu o mesmo passo no sentido do futuro, à época em que seu treinador era outro grande mestre do futebol, o professor

Ondino Vieira, fazendo o recuo de um dos jogadores das meias-laterais para tornar-se o terceiro zagueiro.” (LEAL, 2001, p.43)

4.7. Ferrolho Suíço

Foi naquela Copa de 1938 que surgiu um retranqueiro assumido do futebol, Karl Rappan, que nasceu em Viena em 26 de setembro de 1905, e que construiu sua vida profissional na vizinha Suíça. [...] Rappan armou seu time num esquema 1-2-2-2-3, que logo recebeu o nome de ferrolho, e que ficou conhecido mundo afora por denominações distintos – catenaccio (em italiano), riegel (em alemão), cerrojo (em espanhol) e verrou (em francês). Na formação clássica, Huber era o goleiro. O líbero Minelli cuidava do centroavante adversário. Springer, Lehman e Loertscher formavam a linha de zagueiros; Vernati protegia o trio; Wallacek e Abegglen resguardavam a intermediária e eram responsáveis por iniciar as jogadas e alimentar Amado, Bickel e Aebi, encarregados dos gols. O ferrolho perpetuou Rappan na seleção da suíça, que dirigiu ainda de 1942 a 1949, no mundial de 1954, e de 1960 a 1963. Rappan morreu em Viena, em 2 de janeiro de 1996 (ASSAF, 2002, p.38).

Para Mendes (1979) o ferrolho não agradou ou sequer sensibilizou os técnicos do Brasil pelos seus aspectos estritamente defensivos, pois tais características vão de encontro, com os padrões ofensivos cultivados pelo nosso futebol. Embora já tenhamos visto, em equipes nacionais táticas defensivas, nenhuma delas, no entanto, se mostrou tão ligada à defesa como o ferrolho.

4.8. Anos 50, o 4-2-4



“O sistema 4-2-4 foi usado pelo Brasil por muitos anos, inclusive em 1958, ano da Copa do Mundo na Suécia, quando vencemos, obtendo pela primeira vez o título mundial, o mais importante da esfera esportiva.” (LEAL, 2001, p.45)

“No mundial de 1954, a Hungria adota um sistema com 4 defensores, 2 futebolistas servindo a defesa e o ataque e 4 atacantes; 1x4x2x4.” (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.161)

Para Melo (2000) o sistema 4-2-4 surgiu pelo fato de os três defensores do sistema WM possuir dificuldades de parar os três atacantes das equipes contrárias, pois, com a aproximação de um meia fazia com que sempre houvesse quatro atacantes contra três defensores, sendo que esta marcação era homem a homem, e apresentava falhas, já que, com a igualdade de jogadores de ataque, estes sempre levavam vantagem. Com o recuo de um dos integrantes do meio para a defesa e outro do meio para atuar mais a frente, além da implantação da marcação por zona para haver uma cobertura mais adequada aos espaços à frente do gol.

Leal (2001) conta que Leônidas da Silva, o homem borracha, o diamante negro, o inventor da bicicleta, lance acrobático do futebol, quando jogava no Flamengo por ordens técnicas e táticas do momento vivido pela equipe, fora adiantado para compor um quadro de quatro atacantes ao passo que promoveram o recuo de um atleta do meio para a defesa, proprietária de também quatro defensores, deixando o meio de campo com dois atletas.

“Muitos atribuem a variação ao técnico Martim Francisco, que teria utilizado no Vila Nova, campeão mineiro em 1951’. Sua universalização, no entanto, deu-se com a seleção brasileira, campeã mundial na Suécia em 1958.” (UNZELTE, 2002, p.669)

A denominação quarto-zagueiro surgiu pelo fato do jogador, que foi recuado para atuar entre o zagueiro central e o lateral-esquerdo, ter chegado à linha de zagueiros quando ali já estavam três, portanto ele foi o quarto zagueiro a se posicionar na zaga (MENDES, 1979, p.69).

4.9. Anos 60, o 4-3-3



“Em 1962, no Chile, a equipe brasileira seria bicampeã, utilizando um novo sistema, recuando um atacante para auxiliar no bloqueio de meio-campo formando assim o 1x4x3x3.” (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.161)

Melo (2000) expõe a distribuição dos jogadores em campo com um goleiro, quatro zagueiros, sendo dois laterais e dois centrais, três meios de campo, sendo um com função de proteger a defesa e dois, com função de armação e finalização das jogadas, ou podendo ser dois com função defensiva e apenas um na armação e três atacantes, que podem ser dois pontas e um centroavante, ou um ponta e dois centroavantes.

Leal (2001) lembra do time do Flamengo e de Mário Jorge Lobo Zagallo chamado de Formiguinha, possuidor de grande capacidade física, técnica e, sobretudo inteligência tática. Este ponta esquerda realizava sua função de forma diferente pois partia para cima do lateral direito produzindo inúmeras jogadas de ataque porém recuava fechando um espaço pela esquerda do meio de campo que só contava com dois jogadores e com a adição dele próprio ganhava mais um elemento de dificuldade, um obstáculo para as insinuações ofensivas adversárias.

O futebol holandês vem, desde o início dos anos 70, aprimorando uma forma ofensiva de jogar. Eles são, talvez, os maiores representantes da

utilização de pontas no futebol mundial. Atuam convictos no sistema 4-3-3 moderno. [...] O 4-3-3 dos holandeses vem evoluindo desde as experiências vitoriosas do futebol total de Rinus Michels no Ajax, de Amsterdam, e na seleção holandesa de 1974 (DRUBSCKY, 2003, p.120).

4.10. 1966, o 4-4-2



Bebeto, Valdano e Coelho (2006) marcam a Copa do Mundo de 1966 como data do surgimento do sistema 4-4-2, o técnico Alf Ramsey da Inglaterra notou a fragilidade de sua equipe que havia começado a competição com dois pontas ofensivos Greaves e Peters, pensando na obtenção de uma maior consistência tática este promoveu o recuo dos pontas Ball e Peters, formando uma linha de quatro homens no meio campo junto com Stiles e Bobby Charlton além é claro de liberar Hurst e Hunt.

A distribuição dos jogadores em campo é composta de um goleiro, quatro zagueiros, sendo dois alas (laterais), dois zagueiros centrais, quatro jogadores no meio de campo, sendo dois com funções de marcação e os outros dois com funções de armação ou finalização e, na frente, dois jogadores avançados, podendo ser dois centroavantes ou um centroavante e um ponta (MELO, 2000, p.32).

O Brasil apresenta esse sistema em 1969 na equipe do Cruzeiro de Belo Horizonte, com o treinador Hilton Chaves, mas segundo observadores da época era de difícil constatação, visto a

movimentação dos atletas cruzeirenses, que tinha no seu elenco um craque como Tostão (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.162).

4.11. Meados dos anos 90, o 3-5-2



Fernandes (1994) enxerga como principais características a definir o sistema 3-5-2, a compactação e a força no setor de meio campo.

“O sistema 1x3x5x2 foi introduzido pela seleção da Dinamarca na Eurocopa de 1984 e utilizado na Copa do Mundo de 1986 no México, com bons resultados contra seleções de tradição em Mundiais.” (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.162)

Lazaroni assumiu a seleção em março de 1989. Numa excursão à Europa, o Brasil caiu de quatro (a zero) para a Dinamarca. Gente boa da imprensa acusou o técnico de estar desatualizado em relação ao futebol do Velho Mundo, e o treinador acatou as sugestões. Passou a jogar com um líbero, dois zagueiros, dois alas, três apoiadores e dois atacantes. Com o 3-5-2, conquistou a Copa América. E venceu em amistosos a Itália e a Holanda, na casa deles, ambos por 1 a 0 (ASSAF, 2002, p.176).

Melo (2000) destaca a forma de jogo que o sistema 3-5-2 determina aos jogadores, utilizando desta maneira três zagueiros; um deles joga atrás dos outros dois, com a função de fazer a cobertura de toda a zaga (líbero). No meio de campo, joga com dois alas, que têm a função de fazer as jogadas pelas laterais do campo, e três jogadores que se posicionam com os

jogadores do meio de campo do sistema 4-3-3, e dois atacantes, que devem movimentar-se o tempo todo, no ataque, para confundir a defesa adversária.

4.12. 4-5-1, o goleador solitário



Melo (2000) fala da apresentação do sistema 4-5-1 pela Noruega no Campeonato Mundial realizado na França, em 1998. A formação é composta de um goleiro, uma linha de quatro defensores, sendo dois laterais e dois pelo centro da área, cinco meio campistas e somente um atacante, na frente. Na ausência da posse de bola, os jogadores do meio de campo buscam congestionar tal setor dificultando a ação ofensiva adversária obrigando-a a fazer ligações diretas entre a defesa e o ataque, facilitando assim o papel da defesa que estará bem posicionada para ganhar a bola pelo alto. Já com a posse de bola, os jogadores de meio de campo avançam com a bola dominada até a entrada da área, para tentar a finalização ou o lançamento para o jogador mais avançado.

Na contramão da história Leal (2001) conta sobre o Flamengo chefiado pelo técnico Paulo César Carpegiani com a escalação inesquecível do goleiro Raul, da linha de zagueiros com Leandro, Mozer, Marinho e Junior, no meio de campo com Andrade, Adílio, Zico, Tita e Lico, como único atacante no incansável papel de abrir espaços, fazer a parede para as tabelas e concluir, o Nunes. Além de citar o Fluminense de 1984, campeão brasileiro, dirigido pelo treinador Parreira que também utilizava o sistema 4-5-1, com Paulo Vítor, Aldo, Duílio,

Ricardo Gomes e Branco, Jandir, Delei, Romerito, Assis e Tato, e, como solitário atacante especialista, Washington.

Finalmente, o sistema 4-5-1, um sistema aparentemente defensivo, mas que, na realidade, possibilita constantemente a chegada em bloco de praticamente toda a equipe nas proximidades do gol adversário. Para o emprego deste sistema, exigem-se muita aplicação e responsabilidade de todos os jogadores sem as quais dificilmente esse esquema será benéfico, além de grande determinação e excelente condicionamento físico (FERNANDES, 1994, p.99).

4.13. 4-6-0, a ausência de atacantes de ofício



Leal (2001) atesta a utilização do sistema tático 4-6-0 no Brasil, pelo time do Santos, vice campeão do Campeonato Brasileiro de 1995, comandado pelo técnico Cabralzinho que escalava sua equipe sem nenhum atacante nato, jogavam Jamelli, Marcelo Passos, Robert e Giovani meias de características ofensivas com grande mobilidade, se revezavam no setor de ataque, trocando de posicionamento constantemente, Gallo e Carlinhos como os marcadores do meio campo, compondo a linha de defensores Adriano, Narciso, Ronaldo e Capixaba além do goleiro Edinho, filho do rei do futebol, Pelé.

CAPÍTULO 5
ANÁLISE DOS SISTEMAS TÁTICOS

Neste momento discutiremos brevemente as transformações durante a jornada dos sistemas de jogo, no decorrer da história do futebol e voltando um pouco o olhar para os dias atuais, refletir sobre as formas táticas mais utilizadas pelas equipes deste novo cenário.

Unzelte (2002) opina que desde a origem do futebol aos dias de hoje, as maneiras de dispor os onze jogadores de um time em campo mudaram bastante. Para alguns, houve uma evolução. Para outros, principalmente os amantes do futebol ofensivo, ocorreu uma involução, pois, com o correr dos anos, há cada vez menos jogadores no ataque e mais gente congestionando o meio do campo. Isso torna o futebol menos vistoso, mais coletivo que individual e, conseqüentemente, carente de gols. Na verdade, tudo depende do que se considera mais importante: atacar ou defender?

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) dizem que os sistemas táticos cresceram a cada época jogadores a mais com a função, o papel de marcar, defender. Assim, o sistema piramidal se tornou WM, este virou 4-2-4, depois 4-3-3, 4-4-2. A exceção foi o surgimento, aparecimento do 3-5-2, nos anos 80, quando se imaginava retirar um zagueiro pela necessidade de marcar apenas dois atacantes. Se o adversário jogava num 4-4-2, portanto com dois homens a frente, melhor seria marcá-los com dois jogadores, mais um na sobra, e acrescentar um armador. O esquema tático não pode ser uma forma de amarrar, cercear o talento. Ao contrário. Deve organizar o time para privilegiar os jogadores com maior capacidade para decidir um jogo individualmente. Para permitir que o talento brilhe e incomode, atrapalhe a defesa do rival.

Para Frisselli e Mantovani (1999) o fator humano é ainda peça chave, parte principal para uma boa performance coletiva e funcionamento de qualquer sistema de jogo, ou esquemas. Mais do que nunca a tática deve ser baseada no talento, e enganam-se os que imaginam que com marcações implacáveis e com sistemas perfeitos podem substituir o

talento. Sem dúvida a organização tática e sistemática são elementos essenciais no êxito de uma equipe, porém somente estes fatores não levam essa mesma equipe ao sucesso.

No futebol atual, a idéia predominante é a de que, desde que o material humano seja bom, é mais lucrativo jogar de uma forma compacta, dominando o meio de campo com qualidade e quantidade, tomando as iniciativas, em vez de abrir um buraco entre a defesa e o resto do time. Outra consideração importante, segundo os treinadores mais conceituados no mundo todo, é que não existe tática antes da equipe e do treinamento. A tática é estabelecida em função dos jogadores, mas precisa existir porque é mais fácil criar dentro da ordem, com algumas regras como referência (FERNANDES, 1994, p.100).

Segundo Bebeto, Valdano e Coelho (2006) o jogo se ganha no meio de campo. O conceito não é novo. Escuta-se isso pelo menos desde o final dos anos 70, quando a discussão era jogar ou não com dois volantes. Mas a frase que marca o futebol moderno se explica pelo aumento de jogadores no setor. Se no passado jogava-se com apenas dois meio-campistas, no já recente 4-2-4, o armador podia realizar partida apagada se os jogadores do ataque estivessem inspirados. Realizando uma reflexão sobre um time sem meio de campo atuando no 4-4-2, isto é, quatro jogadores não rendem o esperado, o time praticamente será um automóvel sem motor. O meio de campo, vital nos sistemas mais modernos, exige marcação forte, mas precisa também de gente pensando. Qualquer grande equipe precisa de um bom armador e é claro de intensa movimentação.

“Numa equipe, o ideal seria que todos fossem habilidosos e técnicos, porém, como isto nem sempre será possível, devem-se organizar formações táticas que façam suprir estas deficiências.” (VIANA; RIGUEIRA, 1990, p.397)

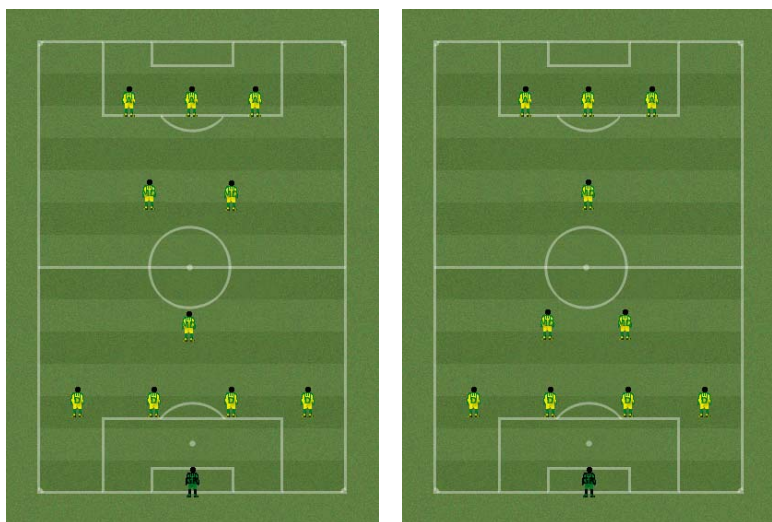
Santos Filho (2002) explicita a importância do treinamento dos diferentes sistemas táticos, esquemas e jogadas ensaiadas, porém ressalta que é essencial a conscientização do atleta quanto a sua função dentro de campo bem como a sua constante movimentação. O atleta não é uma máquina programável onde o treinador determina as suas tarefas e espera

pela execução delas, mas possui inteligência para discutir com este treinador a relevância destas determinações quer sejam de posicionamento ou movimentação.

A tática no futebol evoluiu no sentido de elevar o meio do campo como principal terreno de disputa durante uma partida, ou seja, os times o preenchem a fim de efetivarem-se no local, além é claro de nesta mesma parte do campo, verdadeiros artistas da bola, jogadores hábeis e ecléticos atuam como peças importantes da engrenagem, somando-se a esse talento muita movimentação e conscientização tática de toda equipe. Várias formações trilharam a linha do tempo, algumas se perderam e outras vieram para ficar.

As evoluções táticas que o futebol sofreu desde a sua origem chegaram a um ponto que se estabilizaram e deixaram como herança um estilo novo de jogar, muita competitividade e disputa pelos espaços do campo. [...] Todavia, com ou sem adaptações, não há como ver um jogo de futebol nos dias de hoje longe das três formas clássicas e modernas de se posicionar em campo: o 4-3-3; o 4-4-2 e o 3-5-2 (DRUBSCKY, 2003, p.116).

5.1. 4-3-3

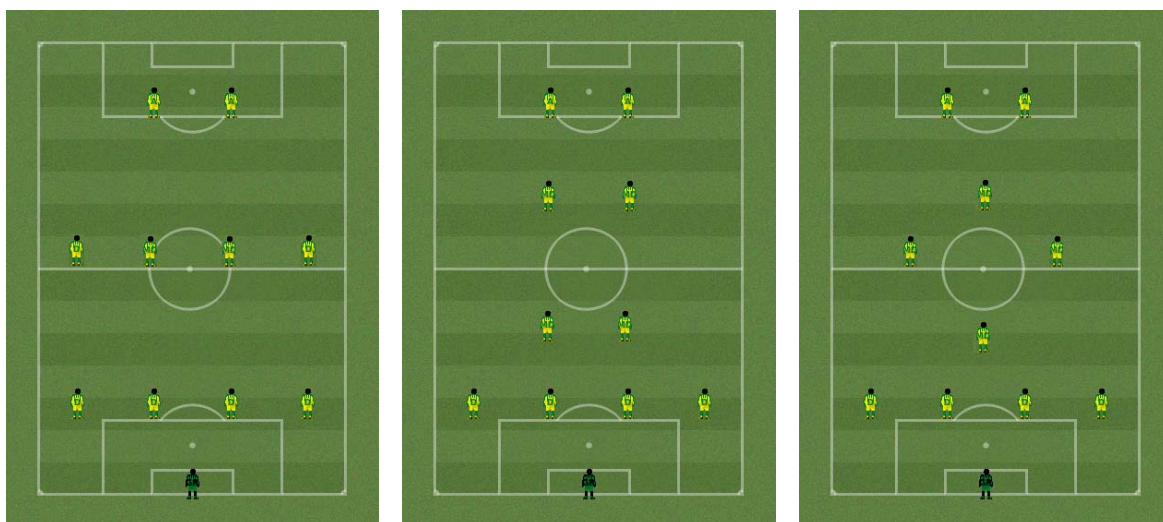


Para Drubsky (2003) com o desenvolvimento das capacidades físicas dos atletas, e o aparecimento de indivíduos mais versáteis técnica e taticamente os desenhos táticos ficaram com múltiplas formas e maneiras de serem aplicados na prática, especificamente o sistema de jogo 4-3-3, sofreu variações da sua fase clássica para uma forma mais moderna, sofrendo

transformações em algumas posições, os laterais possuem melhor passe e cruzamento e excelente capacidade física, tendo funções não exclusivamente defensivas, no meio de campo poderá se usar dois volantes e um meia ou um volante e dois meias dependendo da ofensividade proposta pelo técnico, frisando que o volante tornou-se um jogador tecnicamente mais exigido atualmente enquanto os meias são taticamente mais exigidos, como a ocupação de espaços durante o ataque adversário, os pontas além de serem dribladores, velozes e atacarem a todo momento possuem agora funções defensivas e os centroavantes têm maior versatilidade na parte ofensiva e mais responsabilidade no que diz respeito à marcação.

Santos Filho (2002) diz sobre a possibilidade do sistema tático 4-3-3, quando bem executado, possuir grande eficácia no sentido de deixar a equipe compactada, equilibrada defensiva e ofensivamente, ou seja, dificulta as armações de jogadas adversárias e facilita as coberturas aos laterais sem contar o poder ofensivo vindo dos três atacantes, os quais podem ser auxiliados pelos meias, tramando várias ações ofensivas e perigosas à meta adversária. Porém necessita de jogadores hábeis em marcar, armar e atacar com o mesmo desempenho e com um ótimo preparo físico, sobretudo na marcação.

5.2. 4-4-2



Drubsky (2003) elucida o sistema de jogo 4-4-2, como um dos mais utilizados atualmente, e divide tal maneira de dispor os jogadores em duas formas de jogar, variando o posicionamento dos meio-campistas em quadrado ou losango e conseqüentemente na marcação do adversário. O sistema 4-4-2 com o quadrado no meio de campo possui dois jogadores de contenção, marcação, os volantes e dois meias de armação um pouco mais adiantados formando tal geometria, enquanto o 4-4-2 com o losango no meio de campo possui um volante mais marcador, dois indivíduos mais versáteis tecnicamente fazendo papéis ofensivos e defensivos e um meia armador que encosta nos dois atacantes. Neste sistema adotado pelo futebol brasileiro, a qualidade dos laterais aumentando o volume ofensivo da equipe, a característica dos volantes em harmonia com estes laterais e meio-campistas, a armação e coordenação efetiva das ações feita pelos armadores e a movimentação dos atacantes multifacetados são fatores importantes para o sucesso do time.

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) ressaltam as diversificações do sistema 4-4-2. A composição em losango foi o estilo mais utilizado nos anos 90, com um volante fixo junto à defesa, dois homens se dividem entre funções de marcação e criação, um à direita e outro à esquerda, atrás de um armador, o estilo implantado pelo técnico Vanderlei Luxemburgo em seus times. Com o meio de campo em linha, encontram-se dois meias bem abertos pelos lados do campo, ao lado dos volantes da faixa central, desta forma jogam os principais times da Europa nesta década. E na formação em quadrado, com dois volantes fixos liberando dois meias ofensivos, como acontece com Kaká e Ronaldinho Gaúcho na seleção brasileira de 2006, na seleção brasileira de 1994 e no São Paulo de Telê Santana, com Raí e Palhinha armando as jogadas.

Santos Filho (2002) fala do sistema 4-4-2, traduzindo suas vantagens como o favorecimento do bloqueio defensivo e do meio de campo, a realização de contra ataques em velocidade caso possua atletas com tais qualidades físicas no elenco e a confusão causada em

equipes adversárias com falhas de marcação, isto é, times em que os atletas não se adaptam a novas situações. Porém como desvantagens citam a limitação ofensiva por deixar os atacantes sempre em inferioridade numérica em relação aos defensores, além de exigir demais, sobretudo no aspecto físico os jogadores do setor de meio de campo.

5.3. 3-5-2



Drubsky (2003) fala da disposição do sistema 3-5-2 em duas formas, a primeira com os três zagueiros habituais, dois volantes marcadores, um meia armador, dois alas e dois atacantes e a segunda maneira de dispor tal sistema variando o setor de meio de campo com um volante e dois meias armadores. Lembra de algumas características inerentes ao sistema, como a estabilidade defensiva proporcionada pelos três zagueiros, da ofensividade dos alas acionando o time pelos flancos e da interação que os versáteis atletas que compõem o setor de meio de campo necessitam possuir, quanto à determinação dos seus espaços e funções para que o desenho tático não se desequilibre.

Santos Filho (2002) enxerga que o sistema de jogo 3-5-2 possui um sistema defensivo eficiente, devido ao número de jogadores no meio de campo, facilitando assim a marcação e a roubada de bola no setor central, propiciando diversos contra ataques, além de contar com este preenchimento do meio de campo, compõe-se de três zagueiros para ampliar a segurança e evitar riscos de gols. Todavia proporciona a fácil saída de bola adversária e a conseqüente

limitação das bolas roubadas no campo defensivo deste concorrente, devido ao limitado número de atletas encarregados de iniciar tal marcação.

Quando se fala em 3-5-2 no Brasil, muita gente comete o erro de pensar em sistema defensivo. Não se lembra que o 3-5-2 nasceu para ser mais ofensivo. Parte do equívoco nasceu em 1990, quando o Brasil jogou a Copa num suposto 3-5-2, com postura defensiva. Sebastião Lazaroni fez o sistema nascer no Brasil depois de perder por 4 x 0 para a Dinamarca, em 1989. Acrescentou um zagueiro. Deu certo na Copa América daquele ano, enquanto o time jogou com dois meias. Mas quando Lazaroni trocou o meia Silas pelo volante Alemão, o time perdeu ainda mais poder de criação (BEBETO; VALDANO; COELHO, 2006, p.125).

São tantos detalhes surgidos numa partida, fruto dessa nova dinâmica, que a cada necessidade tática de suas equipes os técnicos criam situações diferentes para os seus atletas desenvolverem. Com isso, os desenhos táticos estão se desdobrando e transformando a todo o momento. [...] Tudo baseado na maneira como interpretam a fluência do jogo em campo. [...] Desde a época do 2-3-5, ou sistema clássico, os técnicos vêm conflitando as formas tradicionais do jogo e suas deficiências, em busca de mudanças que eles, antes de qualquer outro, percebem e precisam fazer. [...] As formações táticas mais recentes, com algumas delas já bem utilizadas e assimiladas, são: o 4-5-1, o 4-2-4 (versão adaptada), o 3-6-1, o 4-3-1-2, o 3-3-3-1 (dos argentinos em 2002), dentre outros que surgem a todo o momento (DRUBSCKY, 2003, p.131).

CAPÍTULO 6
AS INESQUECÍVEIS SELEÇÕES

Contaremos agora um pouco sobre cinco das melhores seleções de futebol de todos os tempos, quer seja pelo estilo inovador, pelos virtuosos jogadores, técnicos revolucionários ou mesmo pela harmonia em que a equipe apresentava-se no jogo. Estas equipes marcaram de forma positiva a história deste esporte emocionante e de imensa e nostálgica memória quando o assunto é grandes times de futebol.

6.1. A seleção da Hungria de 1954



Bebeto, Valdano e Coelho (2006) não se esquecem da incrível seleção da Hungria de 1954, os húngaros apresentavam ao mundo o sistema 4-2-4, Zakarias recuou até se tornar quarto-zagueiro de verdade e abandonar Boszik à sorte de ser o primeiro volante. Hidegkuti, teoricamente o centroavante foi quem recuou para formar a primeira dupla de meio de campo conhecida no futebol mundial e abrir espaços para Puskas e Kocsis jogarem, já os pontas tinham o papel de dar velocidade à equipe toda vez que a bola chegasse às laterais. Como os rivais jogavam ainda no WM e tinham apenas um zagueiro central, Puskas e Kocsis penetravam nos espaços vazios, onde não havia beque a marcá-los. Enquanto isso, Hidegkuti, camisa nove às costas, era confundido como sendo um centroavante ao passo que lançava todas as bolas para a dupla ofensiva.

Em 1954, a Hungria deu um verdadeiro show de futebol na Copa do Mundo disputada na Suíça. Sem haver perdido uma única partida internacional em 32 disputadas nos últimos quatro anos, o time tinha craques como Puskas, Kocsis e Hidegkuti, mais Gustav Sebes, o ministro dos Esportes do país, como técnico. Dona da maior média de gols por partida de toda a história da competição (5,4, com 27 tentos em apenas cinco jogos disputados), a equipe estreou massacrando a Coreia do Sul por 9 a 0 e sempre marcava pelo menos uma vez antes dos 15 minutos de cada um de seus jogos. A Hungria teve, ainda, o artilheiro do Mundial de 1954, Kocsis, com 11 gols (UNZELTE, 2002, p.135).

Os húngaros mudaram uma concepção quase ortodoxa de se jogar bola. No seu famoso time de 52, 53 e 54, havia uma constante movimentação dos jogadores e a partir do goleiro, que jogava bem adiantado, ninguém guardava posição. Eles trocavam constantemente de lugar, num variado e eficiente revezamento, de forma que os outros se viam envolvidos com facilidade, prisioneiros que eram das faixas de terrenos que cada um era obrigado a ocupar (MENDES, 1979, p.119).

Assaf (2002) explica o vice campeonato da fantástica seleção da Hungria no Mundial de 1954. Herberger, o técnico da seleção da Alemanha deste Mundial, certo de que a Alemanha superaria a primeira fase do torneio, escala uma equipe mista contra a Hungria e ordena a seu zagueiro Werner Liebrich que atingisse propositadamente o tornozelo de Puskas símbolo daquela seleção. A Alemanha perdeu este jogo por 8 a 3, porém Puskas lesionou-se. Alemanha e Hungria venceram seus próximos jogos e fizeram a grande final. Antes da partida, enquanto Sebes e o médico Laszlo Kreisz oravam pela recuperação de Puskas, o mago Herberger comemorava a chuva pesada que caía sobre o gramado do Estádio Wankdorf, de Berna, a cancha encharcada era péssima para o estilo leve de jogo do inimigo. Puskas entrou em campo com apenas 40% do seu potencial. Aos seis minutos, ele mesmo fez 1 a 0. Aos oito minutos, deu passe para Czibor marcar o segundo. Mas eis que os alemães começaram a pancadaria do primeiro jogo. Puskas cansou e logo estava mancando. A Alemanha aproveitou-se das circunstâncias, virou o placar para 3 a 2 e ganhou a Copa.

6.2. A seleção da Inglaterra de 1966



Para Unzelte (2002) ninguém se preparou mais e melhor para vencer aquela Copa do Mundo do que os ingleses, inventores do futebol moderno, eles demoraram em reconhecer a legitimidade do campeonato promovido pela Fifa, tanto que somente disputaram sua primeira Copa em 1950. Mas, agora, estavam obcecados não só em promover, mas também em vencer a competição. Para isso, o técnico Alf Ramsey, dono do título de sir oferecido pela rainha Elizabeth II logo depois da Copa do Mundo de 1966, substituiu Walter Winterbottom no comando da seleção, tendo três anos para preparar o time a sua maneira, escolhendo seus jogadores, fato inédito no futebol inglês que delegava a um colegiado de velhos dirigentes a função de convocar os jogadores para a composição da seleção. Confiante do sucesso desta jornada o próprio Alf Ramsey encheu a torcida inglesa de esperança quando afirmou: “A Inglaterra vencerá”.

Ramsey nasceu em Dagenham, um subúrbio de Londres, em 22 de janeiro de 1920. Além de bom jogador, vestiu 32 vezes a camisa da seleção de seu país, fez sucesso dirigindo o modesto Ipswich Town, que promoveu à primeira divisão em 1961, ganhando em seguida o título nacional em 1962. [...] Ramsey no comando da seleção inglesa possuía pelo menos quatro talentos: o goleiro Gordon Banks, o zagueiro Bobby Moore, o apoiador Bobby Charlton e o ponta esquerda Martin Peters. À dupla de atacantes formada por Roger Hunt e Geoff Hurst cabia a tarefa de marcar gols. A Inglaterra, na prática,

jogava num 4-4-2, cujo símbolo era o meia Nobby Stiles, uma criatura assustadora, de pouco cabelo e dentes ainda mais raros, disposta a qualquer expediente para impedir a progressão dos adversários. Stiles, que batia até em criança, caso necessário, era o retrato perfeito do tal futebol-força (ASSAF, 2002, p.80).

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) esclarecem que durante a Copa do Mundo de 1966, o técnico Alf Ramsey pedia a seus pontas, Ball e Peters, que recuassem para compor uma linha de quatro homens no meio de campo. Formavam essa linha ao lado de Stiles, este um pouco mais recuado, fazia o trabalho sujo deste meio de campo para que Bobby Charlton, jogador do Manchester United, brilhasse e organizasse o time dali para frente. Era o 4-4-2. Ball e Peters eram do West Ham e liberavam a dupla de atacantes formada por Hurst e Hunt para se aproximarem da grande área adversária. Os ingleses foram campeões do mundo discutidos, mas só conseguiram a vitória, porque trocou o 4-3-3 pelo 4-4-2 durante a Copa.

O ritmo em que se jogou a Copa na Inglaterra, a intensidade na marcação e o bloqueio dos espaços no campo superaram sistemas de jogo ultrapassados, pela modernização dos métodos gerais de preparação e do planejamento de jogo. Início de uma nova era no futebol, menos artística, plástica e bela, mas não menos importante. Mal compreendida, à época, pelos analistas, que rotularam aquele estilo de Futebol Força, porque contrastava de forma gritante com o jogar e deixar jogar do romântico ciclo recém-encerrado (LEAL, 2001, p.48).

6.3. A seleção do Brasil de 1970



Depois do êxito do futebol-força sobre a individualidade, representado pela vitória da coesa Inglaterra na última Copa do Mundo, julgava-se que a arte no futebol estava enterrada para sempre. Até ressurgir das cinzas de 1966 aquela equipe de camisa amarela, que ainda contava com o incomparável Pelé das Copas de 1958 e 1962, e agora, também com Gérson, Jairzinho, Rivellino e Tostão. Todos eles, nos clubes de origem, vestiam a camisa 10. Na seleção, souberam se adaptar suficientemente para vencer os seis jogos disputados, na mais perfeita campanha desenvolvida por um campeão mundial até hoje (UNZELTE, 2002, p.188).

Para Bebeto, Valdano e Coelho (2006), ninguém ousava definir um sistema chamado 4-5-1, quando o Brasil entrou em campo em 1970. Aquele time jogava num 4-3-3, com Rivellino fazendo pela esquerda o mesmo que Zagallo fazia em 1958. Até Carlos Alberto Parreira, preparador físico daquela equipe e técnico campeão do mundial em 1994, pensa que o time jogava num quase 4-5-1, devido a recomposição quando o time perdia a bola, ficando apenas com um homem avançado. A rigor, eram três atacantes, mas com consciência tática como jamais se havia visto no futebol brasileiro. É muita velocidade para explorar os contra-ataques. Pelé colocava-se como terceiro atacante da equipe, junto com Tostão e Jairzinho. Mas, quando o Brasil perdia a bola, até ele marcava. Voltava até a intermediária e dava combate, no ataque brilhava fazendo quatro gols. Jairzinho tinha o gol como missão, marcou em todos os seis jogos do Brasil. Potência pura partia desde a direita com grandes entradas pela diagonal. Praticamente o cérebro dentro de campo, Gérson organizava o time, fazia os

lançamentos e tinha liberdade até para mudar o posicionamento de outros jogadores. Contra o Uruguai, inverteu seu papel com Clodoaldo. O camisa 5 subiu ao ataque, na posição de Gérson, e marcou o gol de empate. O Brasil liberava seu lateral-direito para jogar. Carlos Alberto podia subir ao ataque porque tinha grande técnica, mas, do outro lado, Everaldo jogava preso, amarrando à defesa, dando Consistência ao time junto com Brito e Piazza.

O Brasil de 1970 jogava no contra-ataque. Conte quantos gols aquela Seleção marcou assim. Da estréia, contra os tchecos, à decisão, contra os italianos, 14 dos 19 gols nasceram dessa maneira. Aquele Brasil tinha preparo físico. Das seis vitórias conquistadas no mundial, quatro aconteceram no segundo tempo (COELHO, 2006, p.16).

6.4. A seleção da Holanda de 1974



Durante todo o Mundial de 1974, disputado na Alemanha Ocidental, só se falou dos holandeses. Comandado do banco pelo técnico Rinus Michels e em campo por Johan Cruyff, o craque que, em plena era dos camisas 10 bons de bola, preferia usar o número 14 às costas, aquele time revolucionou o futebol. Era o Carrossel Holandês, ou a Laranja Mecânica, como a equipe também passou a ser chamada, em referência à cor das camisas e ao filme A Laranja Mecânica de Stanley Kubrick de 1971 (UNZELTE, 2002, p.202).

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) dizem não ser impossível definir o sistema em que a Holanda jogava em 1974. Tratava-se de um 4-3-3, com Rep, Cruyff e Rensenbrink no ataque, Jansen, Neeskens e Van Hanegem no meio de campo. A revolução holandesa não estava na falta de definição tática, mas na variação do posicionamento em campo, permitida pelo

preparo físico. Cruyff comandava o jogo e recuava para marcar, Rep um especialista em meio a várias rotações de postos e missões, movimentava-se por todo o ataque e corria em diagonal em busca do gol, Krol e Haan tinham a liberdade para ir ao ataque. Suurbier, Jansen e Rijsbergen ficavam mais presos à defesa. Rinus Michels dava liberdade a quem sabia jogar.

Os holandeses de 74 apresentaram, entre as muitas novidades de seu esquema de jogo, uma forma eficiente para deixar freqüentemente os adversários em impedimento, usando o avanço conjunto e simultâneo dos zagueiros com uma terrível precisão, obtendo sempre o objetivo (MENDES, 1979, p.133).

Mais que um sistema tático a forma de atuar da Holanda inaugura uma nova era no futebol, baseada na preparação física superior e na polivalência dos futebolistas. A preparação física evoluiu tanto que em 1974 a Holanda apresenta na Copa da Alemanha uma equipe versátil sem posições fixas (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999, p.161).

Assaf (2002) conta um pouco mais sobre o criador desta revolucionária seleção holandesa de futebol. O holandês Marinus Hendricus Jacobus Michels, apelidado Rinus, nasceu em Amsterdam, em 9 de fevereiro de 1928. Ex-centroavante do Ajax, um verdadeiro tanque segundo testemunhas, assumiu o cargo de técnico do clube em 1966, quando o país ainda resistia ao profissionalismo. Michels revolucionou o Ajax e o próprio futebol local. Ganhou três títulos nacionais e um europeu, este em 1971, integrando a Holanda ao mapa do planeta bola. Recebeu uma proposta fabulosa e foi treinar o Barcelona. Ganhou o Campeonato Espanhol em 1974 e foi intimado a dirigir a Holanda no Mundial daquele ano, obtendo uma campanha memorável que culminaria no vice campeonato.

6.5. A seleção da Dinamarca de 1986



Sepp Piontek foi um treinador de fama efêmera. Nasceu em 5 de março de 1940 na pequena Breslov, território alemão até o fim da Segunda Guerra, que é hoje a cidade polonesa de Wrocklaw. Ex-jogador do Werder Bremen dirigiu clubes da Alemanha ao longo da década de 1970, assumindo a seleção dinamarquesa em agosto de 1979 (ASSAF, 2002, p.116).

Sepp Piontek apresentou ao mundo a novidade na Eurocopa, dois anos antes de desembarcar no México para sua primeira Copa do Mundo. A idéia, num tempo em que a maior parte dos times do mundo inclusive o Brasil jogava com quatro homens de meio de campo, era retirar um zagueiro. Se era necessário um zagueiro para marcar cada atacante e mais um na sobra, o que fazia o número 4, na apresentação do sistema tático? Tira-se um zagueiro e o negócio vira... 3-5-2! (COELHO, 2006, p.104).

“Apelidada de Dinamáquina pelo excelente futebol apresentado na primeira fase, essa estreante em Copas tornou-se favorita depois de fazer 6 a 1 no Uruguai, vencer a também respeitável Alemanha por 2 a 0 e bater a escócia por 1 a 0.” (UNZELTE, 2002, p.244)

Bebeto, Valdano e Coelho (2006) relembram a forma de jogar da pragmática seleção da Dinamarca que ficou famosa na Copa do Mundo de 1986 e já havia encantado a Europa na Euro 84. Jogava com velocidade e muita força de marcação no meio de campo, fruto da inclusão de mais um jogador. Era o 3-5-2, criado pelo alemão Sepp Piontek, sob a alegação de que não precisava de quatro zagueiros para marcar dois atacantes. Adiantava-se, então, um homem para o meio de campo. Arsenen e Bertelsen eram os alas, que Piontek denominava de armadores pelos lados do campo. A Dinamarca passou a ter um jogador a mais, no setor

central em comparação com todos os seus rivais, que tinham apenas quatro. O líbero Morten Olsen era o mais experiente da equipe, jogava atrás da linha da defesa, mas saía para o jogo com imensa qualidade. Mas a força estava no ataque, com Elkjaer Larsen, do Verona assemelhava-se a figura de um touro, e Michael Laudrup, da Juventus era bastante técnico. Aliados a força de um à qualidade de outro, a Dinamarca tinha a dupla ofensiva mais afinada da primeira fase da Copa do México.

CONCLUSÃO

No futebol, um esporte tão popular em que as paixões exacerbadas estão à flor da pele de seus inúmeros torcedores, onde a imprensa e seus analistas de plantão estão em ininterrupta vigilância, além dos dirigentes, seus parceiros e patrocinadores, responsáveis pela gerência deste esporte milionário e cobradores de resultados imediatos, vencer é fundamental, devido à repercussão dos fatos e das múltiplas conseqüências que estes podem gerar dentro de um clube ou seleção.

Sobre este panorama, os técnicos pressionados por estes fantasmas que os assombram a cada mal resultado, entram em uma corrida sem fim para maximizar o desempenho técnico, físico, psicológico e, sobretudo tático do seu time para conseguir o maior número de vitórias possível. Como há um nivelamento físico no futebol mundial, o craque cada vez mais tem dificuldade e menor espaço para aparecer, porém ainda decide jogos e campeonatos. Assim transformando a preparação tática na grande tacada para os treinadores conseguirem obter um time bem armado apto a vencer várias partidas.

Ao longo dos anos, o futebol viu craques desfilarem sua boa técnica e inteligência tática nos gramados do mundo todo e técnicos revolucionários e visionários ganharem partidas através de uma única mudança tática, causadora de uma ebulição ofensiva. Porém estes mesmos jogadores talentosos já sofreram com esquemas táticos divergentes da sua característica de jogo como os competentes treinadores pensaram com um elenco de limitada técnica. Posto isso, fica indubitavelmente claro a interdependência da relação talento do plantel de jogadores, técnico e sistema de jogo, isto é, para um sistema ter sucesso é necessário uma formação tática ideal para o conjunto de jogadores, um técnico inteligente sabedor de um bom esquema para tais atletas e talentosos futebolistas.

Com este freqüente aumento da importância tática, os jogadores tornaram-se mais versáteis, desempenhando várias funções para suprir algumas necessidades do técnico em montar a equipe em determinados momentos. O jogador de futebol atual, devido às pressões sofridas de todos os lados, precisa encontrar-se altamente preparado nos aspectos físicos, técnicos, táticos, cognitivos e psicológicos, para então poder atuar intensamente durante todo o jogo, utilizar todo o seu arsenal de jogadas em prol do time, realizar com sucesso a sua função dentro de campo, assimilar as instruções que o técnico lhe informa e estar tranquilo e confiante para a obtenção da vitória.

Por fim, o futebol taticamente já encantou o mundo com um jogo individualizado ou mais coletivo, com esquemas super ofensivos possuindo vários atacantes, ou deixou seus espectadores com o pé atrás quando a preparação física e o pragmatismo tomaram conta do futebol, apelidado na época de futebol-força, ou seja, este desporto já viu de tudo um pouco. Com tudo isso, o torcedor não deixa de se apaixonar por este eletrizante esporte, quer seja por seu time ou sua seleção favorita, pelos sistemas de jogo 4-3-3, 4-4-2 ou 3-5-2, por apelidos de sua equipe como o carrossel, a máquina ou o ferrolho, quando entram onze jogadores de cada lado e começa o combate, a pressão sobe e tudo se transforma no maior espetáculo do mundo, uma emocionante partida de futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, R. F. **Futebol: regras - esquemas táticos**. São Paulo: Rumo, 1990.
- ASSAF, R. **Banho de bola: os técnicos, as táticas e as estratégias que fizeram história no futebol**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- BEBETO, J. R.; VALDANO, J.; COELHO, P. V. **Futebol passo a passo: técnica, tática e estratégia**. São Paulo: Lance! Editorial, 2006.
- BRANDÃO, M. R. O Lado Mental do Futebol. In: BARROS, T. L.; GUERRA, I. **Ciência do Futebol**. São Paulo: Manole, 2004. cap.8, p. 206-207.
- COELHO, P. V. **Os 50 Maiores Jogos das Copas do Mundo**. São Paulo: Panda Books, 2006.
- DRUBSKY, R. **O Universo Tático do Futebol: escola brasileira**. Belo Horizonte: Editora Health, 2003.
- FERNANDES, J. L. **Futebol: Ciência, Arte ou... Sorte!:** Treinamento para profissionais – alto rendimento: preparação física, técnica, tática e avaliação. São Paulo: EPU, 1994.
- FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: Teoria e Prática**. São Paulo: Phorte, 1999.
- LEAL, J. C. **Futebol: arte e ofício**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- MATTOS, M. G.; ROSSETO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2004.
- MELO, R. S. **Sistemas e táticas para futebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- MENDES, L. M. **As Táticas do Futebol**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
- OLIVEIRA, B. *et alii*. **Mourinho: Porquê tantas vitórias?** Lisboa: Gradiva, 2006.
- REALE, S. V. **Guerreiros da bola: estratégia e tática no futebol**. Rio de Janeiro: Shape, 2004.
- SANTOS FILHO, J. L. A. **Manual de Futebol**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- UNZELTE, C. **O Livro de Ouro do Futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.
- VIANA, A. R.; RIGUEIRA, J. E. **Futebol Prático: preparação física, técnica e tática**. Viçosa: UFV, 1990.

ANEXO A – ENTREVISTA COM O TÉCNICO LOUIS VAN GAAL

Fragmento da entrevista realizada pelo site: www.cidadedofutebol.uol.com.br ao técnico holandês Louis van Gaal, que já teve passagens vitoriosas por Ajax, Barcelona e seleção da Holanda, atualmente está treinando um clube holandês, o AZ Alkmaar.

Cidade do Futebol / Até que ponto um treinador é fundamental para uma equipe? O jogador pode render independentemente do técnico?

Louis van Gaal - O produto futebol é uma operação entre jogadores, comissão técnica e médica. Primeiramente, há a qualidade dos jogadores, imediatamente seguida pela qualidade do treinador. Acho que o treinador tem muita influência num time.

Cidade do Futebol / Ter jogadores de qualidade é fundamental para o sucesso?

Louis van Gaal - Tínhamos um grupo pequeno. O elenco tinha, por exemplo, três pontas-direitas e apenas um ponta-esquerda. A mentalidade do grupo, contudo, era excelente. Os jogadores se completam baseados em suas características e personalidades. Esse era o espírito do time, as normas e valores no AZ Alkmaar, o que mais o impressionou.

Cidade do Futebol / Se o espírito é tão importante, qual é o papel do craque?

Louis van Gaal - O time que está atacando deve assegurar que os jogadores criativos terão o máximo de chances possíveis para poderem decidir o momento com um drible ou outra ação inusitada. Esses jogadores têm a qualidade para criar algo, mas precisam fazer isso onde sejam decisivos e não na intermediária.

Cidade do Futebol / Mas o futebol compacto exige uma participação cada vez maior dos jogadores criativos no sistema de marcação...

Louis van Gaal - É preciso jogadores que consigam movimentar o jogo para que os jogadores criativos sejam colocados em situações onde eles tenham espaço e tempo suficiente para fazerem a diferença. Jogadores criativos podem determinar se iniciam uma jogada de risco ou não em um espaço pequeno. Quando você tem um meia que também consegue tomar as decisões corretas em espaços pequenos, você é um treinador de sorte.

Cidade do Futebol / Por que você julga a posse de bola tão importante em um jogo de futebol?

Louis van Gaal - Algumas vezes o adversário força seu time a ficar com a bola e movimentá-la. O essencial é ter certeza que seus jogadores criativos ficarão com a posse de bola. Quando você trabalha a bola, o adversário tem que estar continuamente em concentração. E alguns times mais fracos não conseguem fazer isto. São mentalmente incapazes de se manterem na organização de posicionamento pelos 90 minutos.

Cidade do Futebol / Todos devem participar dessa troca de passes ou cada um deve desempenhar sua função específica?

Louis van Gaal - Você às vezes vê os volantes, que devem trabalhar a bola, procurando dar uma assistência. Mas como são jogadores de conexão, devem ser capazes de manter a posse de bola. Quem deve se preocupar com a assistência são os meias criativos, porque a capacidade de colocar a bola com precisão e tempo certo entre os zagueiros é muito

difícil. Os meias mais defensivos estão sempre posicionados mais abertos e mais livres para receber um passe.

Cidade do Futebol / Como trabalhar essa movimentação nos treinamentos?

Louis van Gaal - Na última temporada eu fiz os jogadores do AZ jogarem em suas áreas delimitadas em jogos de posicionamento. Nem eles nem os assistentes haviam visto isso antes. Quando você tem um espaço limitado no qual você deva jogar, você automaticamente aprende a se comunicar com os outros jogadores do seu time e também com seus adversários dentro deste espaço. Por exemplo, você pode dizer ao número 11 para jogar apenas dentro das áreas 1 e 2 num jogo de posicionamento e assim também será para os outros jogadores. Ao colocar goleiros, você também pode treinar saídas de bola. O treinador deve ser criativo com coisas como essa. Você também pode apenas jogar no lado direito do campo, no lado esquerdo, ou através de uma certa linha.

Cidade do Futebol / Qual foi o ponto de partida para você formular esse exercício?

Louis van Gaal - O ponto não é o exercício, mas o objetivo. O objetivo deve criar o exercício. Você cria exercícios a partir de situações de jogo. Você observa o que os jogadores fazem bem e o que não fazem tão bem, e você cria estas situações nos seus treinamentos.

Cidade do Futebol / Além da movimentação, você é um treinador que sempre deu ênfase aos passes curtos. Por que isso acontece?

Louis van Gaal - Muitos times hoje optam pelos passes longos, para deslocar os problemas para o campo do adversário. Eu sempre tento ensinar meu time a ter uma boa saída de bola. Contudo, às vezes isto é fatal porque o adversário vai lhe bloquear completamente. Você então tem que jogar com bolas longas e o time tem que se posicionar de acordo. Quando você sabe disso, terá que mudar seu estado mental.

Cidade do Futebol / E o conceito de futebol dominante? Isso passa por um treinamento emocional?

Louis van Gaal - Você tem que assegurar que existe um homem a mais no local da segunda bola. Dentro de sua tática, você tem que aumentar as chances para seu time possuir um jogador a mais no local correto. É claro que os jogadores devem estar psicologicamente preparados para lutar pela segunda bola.

Cidade do Futebol / O posicionamento e a movimentação são os pontos fundamentais para o futebol, então?

Louis van Gaal - A questão não é sobre o adversário ou até mesmo a bola. É sobre o espaço onde a bola será jogada e onde o adversário estará. Você deve ser capaz de prever com antecedência. Quando você sabe em que momentos o adversário vai jogar com passes longos, o zagueiro deve se posicionar de maneira a garantir que seu time jogará melhor no espaço deixado atrás dele do que o adversário conseguirá se aproveitar.

Cidade do Futebol / Mas como um atleta percebe isso em campo?

Louis van Gaal - Os jogadores têm de aprender a ler o jogo. Devem reconhecer como o adversário está jogando e o que seu próprio time pode fazer para conter isso. É importante que o time chegue junto a um diagnóstico e a uma conclusão de execução.

Cidade do Futebol / Suas palavras mostram uma preocupação muito grande pelo aspecto psicológico. Por quê?

Louis van Gaal – Eu acho que o jogador precisa ser visto como um todo e é claro que um dos componentes influencia o outro de maneira direta. Ninguém consegue render bem fisicamente se não estiver com o emocional em dia. Eu tenho um interesse muito grande pela psicologia e até pretendo estudar isso algum dia.

ANEXO B – ENTREVISTA COM O TÉCNICO ALEX FERGUSON

Fragmento da entrevista realizada pelo site: www.cidadedofutebol.uol.com.br ao técnico escocês Alex Ferguson, que iniciou sua carreira no Aberdeen, onde conquistou dez títulos em nove anos, depois desta passagem aceitou o convite do Manchester United, onde é treinador desde 1986.

Cidade do Futebol / É mais fácil ou mais complicado trabalhar com um elenco formado por jogadores de renome internacional?

Alex Ferguson - Eu gosto de ter alguns "jogadores de peso" em cada time que treino. Sempre tive atletas que pudessem influenciar o jogo nas posições corretas. Estes jogadores são muito importantes para o sucesso. Quando comecei no Manchester United, tínhamos o Strachan e o Olsen, depois veio o Giggs, tivemos o Beckham etc. Este tipo de jogador tem uma compreensão central do time. Além do mais, é importante ter dois zagueiros que possam jogar um bom tempo juntos. Por exemplo, Stam e Johnsen são bons defensores, mas quando a dupla foi desfeita, houve problemas. O Johnsen se machucou. O Stam também sofreu uma contusão no tendão de Aquiles. Então não tiveram muitas chances juntos, e isso afetou a capacidade de jogarem um com o outro.

Cidade do Futebol / Até que ponto existe interdisciplinaridade na comissão técnica do Manchester United?

Alex Ferguson - Como um gerente do futebol, tento encontrar uma equipe que corresponda. Procuro não complicar as coisas. É claro que você não consegue absorver tudo em termos de ciência esportiva e pode contar com uma grande quantidade de profissionais, mas você tem que lembrar que a cada pessoa adicional, você tem uma opinião extra. Por exemplo, você não quer várias pessoas decidindo se um jogador está ou não machucado para jogar.

Cidade do Futebol / E o trabalho na formação da equipe? Como é sua atuação?

Alex Ferguson - No campo eu sempre tento simplificar o máximo possível. Claro que queremos vontade e atitude. Gosto de pessoas com imaginação, que consigam se expressar. Apenas tento passar confiança, coragem para lutar pela bola, e a liberdade para se expressarem. Os maiores jogadores sempre procuraram a bola. Muitas pessoas criticam o Cristiano Ronaldo pela forma com que joga e dizem que ele não é eficiente. Mas ele sempre quer a bola, sempre tenta algo novo, sempre está criando e só tem 20 anos.

Cidade do Futebol / Qual o caminho para alguém que desejar ser um treinador de sucesso?

Alex Ferguson - Uma dica para os treinadores? Quero aconselhá-los a admitirem quando estiverem errados. Não há problema algum em falar aos seus jogadores que você cometeu um erro. Eles irão ficar gratos com sua atitude, e sua credibilidade aumentará. Durante minha carreira eu nunca critiquei meus atletas em público. Nunca, porque se você os critica abertamente, você está se tornando um inimigo de sua mãe, seu pai, seus irmãos, seus tios, seus amigos, sua namorada, a mãe da namorada, os amigos da namorada. Por que fazer inimigos assim? Isso nunca funciona, acredite em mim. Você pode criticar os jogadores nos vestiários, mas nunca publicamente.

Cidade do Futebol / E as críticas dos jogadores a seu trabalho são permitidas?

Alex Ferguson - Se você quer ser um grande treinador, tem que aceitar críticas pessoais. Você sabe que sempre existirão. Conversei com um treinador e ele estava reclamando da imprensa. Eu perguntei a ele qual o motivo de ler todas as críticas, se elas só iriam machucá-lo. Muitas vezes você deve ficar sozinho por algum tempo. Apenas seja você mesmo e tome suas próprias decisões. Não é fácil fazer isso, mas um grande treinador tem que agir assim.

Cidade do Futebol / Qual o caminho para evitar (ou pelo menos minimizar) as falhas?

Alex Ferguson - Quero um time que tenha vontade de jogar o tempo todo. Existe uma expressão muito comum que diz: "Quero um time que queira vencer o tempo todo". Mas ninguém consegue vencer sempre. Então, saber perder faz parte do desenvolvimento do time. Mas os jogadores tem que ter brio, pois jogam sob pressão. Quando você joga num grande clube como o Manchester United, perder é monumental. Esta é, sem dúvida, a pior coisa que lhe pode acontecer num clube como este. Contudo, como sabe que não dá para ganhar todas, você tem de saber lidar com isso.

ANEXO C – ENTREVISTA COM O TÉCNICO MÁRIO JORGE LOBO ZAGALLO

Fragmento da entrevista realizada pelo site: www.cidadedofutebol.uol.com.br ao técnico brasileiro Mário Jorge Lobo Zagallo, bicampeão mundial como jogador, comandante da campanha do tri no México e coordenador técnico no tetra em 1994, dono de um discurso ufanista que costuma levantar o ânimo dos jogadores.

Cidade do Futebol / Como o senhor vê o trabalho de uma comissão técnica hoje, comparando com o seu tempo de jogador?

Mário Jorge Lobo Zagallo - Evidentemente houve uma evolução na estrutura. Há um profissional para cada função nas grandes equipes e na seleção brasileira. Teremos também para a Copa de 2006 um fisiologista que fará avançados testes em sua área, além de todos os outros que serão feitos. O que está desaparecendo é o massagista, figura muito popular e competente. O fisioterapeuta hoje ocupa esse lugar, fazendo um trabalho moderno. O massagista está se tornando um auxiliar do fisioterapeuta.

Cidade do Futebol / Em relação à tática, de que maneira o futebol evoluiu depois do "Carrossel" da Holanda, em 1974?

Zagallo - A Holanda apresentou essa tática em 1974, com o chamado "Carrossel", comandado por Rinus Michels. Depois, não conseguiu mais repetir esse esquema com a mesma eficiência. Foi fruto muito mais de uma geração aplicada, com jogadores inteligentes, de alto QI, que rodavam pelo campo todo, de forma sincronizada. A tática depende muito disso, destas características dos jogadores, mais até do que do contexto futebolístico.

Cidade do Futebol / A Holanda daquela época pode ainda ditar alguma tendência para o futebol no futuro?

Zagallo - Como disse, a tática de uma equipe depende dos jogadores. Não vejo nada de mais naquele esquema em si. Era muito bom, mas porque havia os jogadores certos para a função certa. É assim que o futebol evolui. O "Carrossel" era chamado dessa maneira porque se tratava de uma roda giratória em campo, com quatro defensores em linha. Para ver como o modelo de um pode não servir para outro time, entendeu-se de maneira errada aquela linha. Nesse ponto trouxe até prejuízos, porque passaram a usá-la para deixar o ataque adversário em impedimento. E não era para esse fim que ela existia. Hoje, por exemplo, com a mudança das regras, isso já nem funciona mais, porque o árbitro deve levar em conta o jogador que recebeu o passe. Se ele não estiver impedido, segue o jogo.

Cidade do Futebol / Acha que sua formação cultural contribuiu para o aprendizado tático dentro de campo?

Zagallo - Sim, o QI indica a inteligência, o raciocínio, a rapidez na assimilação de conceitos. Poucos jogadores têm esse QI. Não tiveram uma formação adequada para chegar a ele. O que os jogadores brasileiros têm é a habilidade, o reflexo, a biomecânica ideal para a prática do futebol. Isso eles fazem muito bem.

Cidade do Futebol / Poderia citar um jogador que o senhor considera exceção na seleção, por ter um QI mais alto?

Zagallo - Vou citar um, o Kaká. No passado, já houve alguns, como o Zico, o Sócrates, o Falcão. São jogadores que também tinham uma facilidade para enxergar o jogo taticamente.

Cidade do Futebol / Como era uma comissão técnica no início de sua carreira de treinador?

Zagallo - Para você ter uma idéia, quando comecei a ser técnico, no juvenil do Botafogo em 1966 eu fazia tudo. Era o preparador físico, meu próprio auxiliar, o treinador de goleiros, médico, massagista... Isso me deu um respaldo na hora de assumir uma equipe profissional. Afinal, para treinar, você tem de prestar atenção em tudo. E por isso adquiri uma noção futebolística geral. Já era bicampeão do mundo como jogador, o que me ajudou muito também.

Cidade do Futebol / Como o senhor vê essa diferença em relação ao futebol praticado hoje?

Zagallo - Hoje, no campo, o espaço é mais ocupado, tudo ficou pequeno. É como no rush do trânsito. Antigamente as ruas eram mais tranquilas, com menos carros, menos trânsito, dava para ir de um lado para o outro com facilidade. Vivemos algo assim no futebol atual.

Cidade do Futebol / Como a vida o futebol também passa por mudanças...

Zagallo - Claro, a vida mudou em muitos sentidos, o futebol faz parte da sociedade, foi levado junto. Não vai ser exceção. A própria torcida ganhou contornos de violência que antes não existiam. O futebol era uma festa. Mas ainda é o melhor esporte e que possibilita a ocorrência de grandes jogos, com emoção.

ANEXO D – ENTREVISTA COM O TÉCNICO ARRIGO SACCHI

Fragmento da entrevista realizada pelo site: www.cidadedofutebol.uol.com.br ao técnico italiano Arrigo Sacchi, que possui passagens pelo Parma, Milan, seleção da Itália e Atlético de Madrid e recentemente desempenhou a função de diretor técnico no Real Madrid.

Cidade do Futebol / Quais foram os efeitos do título mundial para o futebol italiano? Houve alguma evolução em função disso?

Arrigo Sacchi – Eu acredito que sim. Estamos passando por uma mudança de mentalidade depois de termos vencido a Copa e isso é benéfico para a Itália. A nossa seleção sempre teve uma defesa forte, mas sempre funcionou como espelho – esperava o adversário para sair só nos contra-golpes. Nós estamos adquirindo uma postura um pouco mais ofensiva e ousada. Ora, nós somos os campeões do mundo! Não podemos atuar recuados contra qualquer adversário.

Cidade do Futebol / Mas por que a postura só foi alterada com a conquista?

Arrigo Sacchi – Não estou falando de um processo que se iniciou nessa Copa do Mundo. Quando eu fui treinador [até 1996], já trabalhávamos para tentar fazer os jogadores terem mais gosto pelo ataque. Eu nunca admiti que um país com um senso de estética tão grande se preocupasse apenas em ganhar e não em fazer bons espetáculos. O problema é que se trata de uma coisa de mentalidade. É preciso fazer um trabalho psicológico, físico, atlético, tático... como disse Michelangelo, a pintura se faz com a mente e não com as mãos. Assim é o futebol também. É preciso trabalhar a mente antes do corpo.

Cidade do Futebol / Quais foram os papéis da evolução científica e do trabalho multidisciplinar para possibilitar essa evolução?

Arrigo Sacchi – Fundamental. As ciências estão evoluindo assustadoramente e o futebol não pode fechar os olhos para isso. Com novos dados e estudos mais precisos é sempre mais fácil trabalhar e preparar a equipe de acordo com as coisas que você deseja.

Cidade do Futebol / O futebol brasileiro sofre do contrário – procura demais o ataque e se expõe na defesa...

Arrigo Sacchi – A Itália sempre teve medo da derrota. Então, sempre entrou em campo preocupada em não perder para depois tentar fazer um resultado positivo. O Brasil chegou aonde chegou com uma filosofia muito ofensiva e alegre. Mas o mundo globalizado deve diminuir essas diferenças culturais. Hoje em dia há jogadores brasileiros por todas as partes do mundo e as equipes se conhecem muito bem.

Cidade do Futebol / Existe um fator mais complicado para criar essa mudança na mentalidade de um jogador?

Arrigo Sacchi – O que dá mais trabalho é o momento em que ele não tem a bola. É fácil condicionar qualquer um a fazer jogadas do jeito que você quer, mas é extremamente difícil pedir para o atleta fechar espaços e acompanhar adversários exatamente como você gostaria que ele fizesse. Todo atleta gosta de trabalhar e fazer as coisas com posse de bola, que é quando eles aparecem mais. São como estrelas de cinema e buscam os holofotes.

Cidade do Futebol / Por falar em comportamento de estrelas de cinema, você deixou o Real Madrid nesta temporada em função do tratamento de alguns atletas do elenco. É mais difícil trabalhar com jogadores consagrados?

Arrigo Sacchi – Eu fui conversar com o presidente do Real Madrid sobre as regras que o elenco tem. Eu queria que todos os atletas fossem cobrados de uma forma igual. Se não for assim não é uma regra. Ele me perguntou se eu esperava ver o mesmo tratamento às estrelas e aos mais jovens. Eu disse que sim, mas ele não concordou. Então resolvi ir embora.

Cidade do Futebol / Existe algum time que consiga juntar todas as características que você citou?

Arrigo Sacchi – Eu acho que o perfeito seria uma junção entre as culturas de Espanha e Itália. A Espanha tem um ataque forte e presente, mas não defende com tanta qualidade. A Itália é segura e marca bem, mas sofre com a falta de pró-atividade ofensiva. O Milan dos anos 90 era uma mistura das qualidades das duas seleções porque juntava os italianos com os holandeses, que também são mais ofensivos. Nós tínhamos qualidade nos dois setores e uma atitude muito positiva.

Cidade do Futebol / E como o Milan conseguiu chegar a esse equilíbrio?

Arrigo Sacchi – Grande parte do mérito é da formação do elenco. Nós apostamos em jogadores italianos e holandeses. Cada grupo tinha uma característica diferente. O primeiro era mais forte fisicamente e cuidava da defesa e o segundo criava e finalizava. O que nós fizemos foi como juntar um cantor de rock e um de música lenta, mas a junção acabou funcionando no nosso caso.

Cidade do Futebol / O Milan, assim como o Real Madrid dos últimos anos, era uma equipe recheada de estrelas. Como foi o trabalho para isso não gerar conflitos?

Arrigo Sacchi – Nós tínhamos problemas, é claro. Todo mundo tem. Uma vez, perdemos uma partida e o Van Basten fez críticas à nossa maneira de jogo. No fim de semana seguinte, mandei ele ficar no banco de reservas. Falei que era para ele ficar ali do meu lado durante o jogo inteiro e me mostrar onde eu estava errando na montagem da equipe. Quando você dirige jogadores, precisa ter pulso firme para controlá-los.

Cidade do Futebol / Qual a diferença do Milan que você dirigiu para a equipe atual?

Arrigo Sacchi – Acho que o time de agora é mais técnico e tem mais talento, mas falta espírito de equipe. A diferença entre os dois times não está nos jogadores, mas nos homens. E para se montar um elenco vencedor é fundamental ter homens vencedores. O futebol pode ser mentiroso. Podemos pegar a derrota para o Liverpool [na decisão da Liga dos Campeões 2004/2005] como exemplo. O Milan fez 3 a 0 no primeiro tempo e com extrema facilidade, mas permitiu o empate. Esse foi um triunfo da cultura do futebol inglês. Então o Van Basten me perguntou por que eu o tratava como os outros se ele era a grande estrela. Eu respondi que fazia isso porque ele era uma pessoa inteligente e não precisava que eu fosse de outra forma.

Cidade do Futebol / Você citou Milan e Real Madrid como exemplos de times que possuem talentos e não conseguem usufruir disso para conquistar títulos. É tão comum assim o aproveitamento ruim dos jogadores?

Arrigo Sacchi – O futebol é um jogo coletivo com momentos individuais e não um jogo individual com momentos coletivos. Por causa disso, a força deve estar sempre no conjunto. Conheci equipes incríveis que não utilizaram nem metade da sua força por causa da falta do sentido coletivo e isso normalmente acontece devido ao perfil dos atletas.

Cidade do Futebol / Existe alguma forma de minimizar esses problemas de ego num elenco de futebol?

Arrigo Sacchi – Trabalhar. Essa é e sempre vai ser a melhor saída. Costumo dizer que todos têm o domingo para ganhar, mas poucos fazem por merecer durante a semana. O desafio da comissão técnica é manter a motivação do grupo para que os treinos sejam sempre fortes e para que todo mundo mantenha o máximo possível de dedicação.

Cidade do Futebol / Na sua opinião, qual deve ser o papel do treinador no futebol atual? Ele deve ser mais centralizador ou contar com auxílio de profissionais de outras áreas?

Arrigo Sacchi – Ele não pode parar no tempo. O futebol não é o mesmo de alguns anos atrás e o técnico não pode ignorar isso. É preciso aprender sempre e se cercar dos melhores profissionais para que o sucesso seja possível. A comissão técnica não depende mais apenas de uma figura. O treinador precisa ser o executor do jogo, mas outros profissionais com formações diferentes devem auxiliá-lo a ter base para as decisões.

Cidade do Futebol / Então a base teórica é tudo para o sucesso de um treinador?

Arrigo Sacchi – É grande parte. Se você for fazer uma divisão, 90 a 95% da função são planejamento e trabalho. O restante é intuição e aquela coisa que nós chamamos de sorte. Se você for ver, o trabalho é muito mais lógico do que parece. Eu apostava com o Van Basten sobre os resultados dos jogos do Milan enquanto estivemos lá e perdi só duas vezes em quatro anos.

Cidade do Futebol / Qual é o ponto mais importante para a preparação de uma equipe em campo no futebol atual?

Arrigo Sacchi – Sem dúvida alguma é a movimentação sem bola. Se você for ver, um metro de espaço faz toda diferença no futebol moderno. Quando eu cheguei ao Milan, quem estava perto da bola corria e o resto do time esperava. Nós fizemos um trabalho para mudar isso e o resultado é que passamos a vencer.

ANEXO E - TRECHO DO LIVRO: MOURINHO: PORQUÊ TANTAS VITÓRIAS?

Fragmento do livro Mourinho: Porquê tantas vitórias?
Parte III-8, p.191-197

Alguns traços marcantes de uma visão... O modelo de jogo de José Mourinho

Assumir sempre os jogos, não se descaracterizarem perante os adversários, é uma característica das minhas equipas. Já o era quando eu treinava o União de Leiria, que era uma equipa que não tinha essa obrigação. Para mim, o mais importante é sempre a nossa própria equipa e não o adversário. Nós podemos, por vezes, mudar de sistema de jogo, mas não o fazemos para nos adaptarmos ao adversário. Não é esse o motivo que nos leva, por vezes, a mudar. Ter um modelo de jogo perfeitamente definido e não fugir dele, acreditar nele, é um aspecto marcante das minhas equipas. E é fundamental que assim aconteça!

O que de mais forte uma equipe pode ter é jogar como uma equipa. Mais importante do que ter um grande jogador ou dois grandes jogadores é jogar como uma equipa. Para mim isto é muito claro: a melhor equipa não é a que tem os melhores jogadores, mas aquela que joga como equipa.

Jogar como uma equipa é ter organização, ter determinadas regularidades que fazem com que, nos quatro momentos do jogo, todos os jogadores pensem em função da mesma coisa ao mesmo tempo. Mas isso só é possível com tempo, com trabalho e com tranquilidade. Porque uma coisa é os jogadores perceberem e tentarem fazer aquilo que eu quero e outra é conseguirem fazê-lo enquanto equipa. Isso demora tempo.

Não consigo dissociar onde é que começa a organização, se na defesa ou no ataque. Não consigo analisar as coisas dessa forma tão analítica. Quando preparo a minha equipa para qualquer jogo, preparo-a com a intenção de o ganhar, treinando de igual forma a sua organização defensiva e ofensiva. Portanto, não consigo dizer onde é que começo a preparar a minha equipa.

Eu não vou para nenhum jogo em que a organização defensiva me exija mais do que a organização ofensiva, da mesma forma que não preparo um único jogo sem que todos os jogadores tenham a sua função defensiva e ofensiva. Inclusivamente, o guarda-redes tem a sua função ofensiva no jogo, participando activamente no treino de organização ofensiva. Portanto, não consigo fazer essa dissociação. O jogo é preparado de uma forma equilibrada e o treino é também feito nesse sentido. Não consigo dizer se o mais importante é defender bem ou atacar bem, porque não consigo dissociar esses dois momentos. Acho que a equipa é um todo e o seu funcionamento é feito num todo também. Penso que tudo isto está demasiado interligado para eu conseguir fazer essa separação.

Numa equipa que quer ser de topo, todos os jogadores têm de participar nos quatro momentos do jogo... guarda-redes incluído.

Algo para mim também é muito claro que, para se assumir o jogo, é necessário ter a bola. Assumir o jogo é ter a bola e usufruir dela.

A minha ideia táctica principal passa por termos a noção bem clara da coisa mais importante no futebol moderno para além de marcar golos: ter a bola.

Quero uma alta circulação de bola e, para que isso aconteça, tem que existir um bom jogo posicional, isto é, todos os jogadores têm de saber que em determinada posição há um jogador, que sob o ponto de vista geométrico há algo construído no terreno de jogo que lhes permite antecipar a acção.

Campo grande a atacar, linhas juntas a defender; uma reacção forte à perda da posse de bola; uma estrutura fixa em termos posicionais e uma estrutura móvel, ou seja, há jogadores que têm posições fixas no campo e há outros que, pela sua dinâmica, têm mobilidade, apesar de ter que haver sempre um equilíbrio posicional.

A minha equipa não pode perder a ambição de ganhar os jogos, mas também não pode perder a sua tranquilidade e o seu equilíbrio posicional. Os jogadores devem manter uma linha de jogo ofensiva, ambiciosa, em que seja nítida a intenção de querer ganhar, mas sem nunca perder o controlo do espaço, a sua tranquilidade e a comunicação entre eles, aspecto que é fundamental.

Gosto que a minha equipa seja uma equipa com posse de bola, que a faça circular, que tenha muito bom jogo posicional e que os jogadores saibam claramente como se posicionam. Aliado a isso, defender bem e ter qualidade individual também são aspectos cruciais. Um bom posicionamento defensivo enquanto equipa, formando um bloco coeso que possa jogar com as linhas muito juntas é outra característica das minhas equipas.

Há equipas exageradamente preocupadas com o aspecto defensivo e, muitas vezes, no jogo, têm grande dificuldade em sair de uma situação de pressão para uma situação de posse. Esse é um aspecto que eu imensamente trabalho: a saída após a recuperação da posse de bola. Isto é, ter a capacidade de jogar de uma forma a defender e, depois, em posse de bola, modificar aquilo que é fundamental: a recuperação das posições em campo, o tirar a bola da zona de pressão, etc.

Para além da posse e circulação de bola, outro grande princípio que facilmente se identifica nas minhas equipas é o *pressing* alto zonal. E, para mim, o *pressing* não é mais do que um meio para se recuperar a posse de bola e só faz sentido se depois a equipa souber fazer uso dessa posse.

Quando cheguei a Leiria, a União jogava com muita gente atrás da linha da bola, num sistema de contra-ataque ou ataque rápido, e a sua organização ofensiva era muito fugaz. A minha intenção era torná-lo numa equipa mais dominadora, com mais tempo de posse de bola, com mais iniciativa de jogo, com mais controlo sobre o jogo e que jogasse mais em ataque continuado. E, nessa perspectiva, a equipa teria que defender bem, mas sem utilizar o princípio da povoação, porque há equipas para as quais defender bem significa povoar muito. Portanto, as dificuldades que se criam ao adversário não são pela qualidade do jogo defensivo, mas sim pela aglomeração de jogadores. Se uma equipa da terceira divisão com maus jogadores, mas onze jogadores todos eles em situação defensiva no primeiro terço do campo, for jogar contra o Real Madrid, o Real Madrid vai ter sempre algumas dificuldades. Agora, aquilo que eu quero é defender bem, mas não pelo princípio da aglomeração de jogadores.

Para mim, defender bem é defender pouco, é defender durante pouco tempo, é ter a bola o mais tempo possível, é estar a maior parte do tempo com a iniciativa de jogo, não tendo necessidade de estar em acções defensivas. Para outros, defender bem é defender de uma forma compacta, é defender, por exemplo, com todos os jogadores atrás da linha da bola, retirando espaço aos seus adversários. Para outros ainda, defender bem é anular, sob o ponto de vista individual, os jogadores fundamentais da equipa adversária. Para mim, defender bem é uma mistura de pouco, em termos de quantidade de tempo, mesclado com o momento da perda da posse de bola.

Pode-se defender bem em qualquer lugar. Agora, eu prefiro defender longe da minha baliza, porque, quando recupero a bola, estou mais perto da baliza do adversário, que é o meu objectivo no jogo.

Há quem diga que os jogadores mais criativos, aqueles com grande potencial ofensivo, devem ser poupados ao nível das tarefas defensivas. Eu penso que quem diz isso percebe pouco de futebol! Quem diz isso ou é o adepto comum, ou é o jornalista ou o crítico que, como quase todos, sabe pouco de futebol, ou é o treinador que ainda não chegou ao topo ou que já cá esteve e já desapareceu. Porque, no futebol de hoje, esses conceitos estão completamente mortos. Os onze jogadores têm de saber o que fazer em posse de bola e os onze jogadores têm de saber o que fazer quando o adversário tem a posse de bola.

Defender zonalmente e fazer um pressing zonal são duas coisas completamente diferentes! Uma coisa é defender à zona, onde, pelo posicionamento em campo e pela adaptação posicional de todos os jogadores em função da posição da bola quando esta está em posse do adversário, se tem como objectivo encurtar espaços, criar dificuldades e esperar pelo erro. Defender zonalmente, mas de forma pressionante, significa, da mesma forma, um bom jogo posicional, mas com uma iniciativa no sentido de intensificar ao máximo as dificuldades do adversário e de tentar recuperar a bola o mais rapidamente possível. De uma forma muito sumária, e quando falamos em futebol de alto nível, eu diria que homem a homem não existe, zonal existe, mas não me convence, e zona pressionante é o futebol de hoje e o futebol de amanhã.

As minhas equipas não têm central de marcação. Defendem zonalmente com uma linha de quatro a bascular em função da posição da bola.

Penso que não existem duas zonas pressionantes iguais. Por exemplo, para mim, a zona pressionante do Milan é fantástica, de tal forma fantástica que contra nós no Porto jogou com duas linhas de quatro homens e conseguiu, com algum sucesso, que duas linhas de quatro homens combatessem uma equipa que tinha na zona central do campo um losango de quatro homens. Agora, ainda que a zona pressionante deles seja fantástica, assenta num conceito completamente diferente do nosso. Por exemplo, enquanto o Milan, com três linhas, faz pressão em largura, nós, com seis, procuramos fazer pressão em profundidade.

Logo para começar, nós temos definido o posicionamento da pressão em função do posicionamento do adversário. Isto é, sabendo eu, ou não, em que sistema é que o adversário vai jogar, a minha equipa sabe como comportar-se contra determinado sistema. Por exemplo, imagine-se que eu vou jogar contra o Benfica, equipa que normalmente joga em 4x3x3, mas que, nesse jogo, vai jogar com três centrais. Para nós não é um drama, porque nós sabemos como nos posicionar em função dos diferentes sistemas que o adversário possa apresentar. Portanto, esse problema não se põe. Salvo raras excepções, a minha equipa não muda de sistema em posse de bola, isto é, nós, em posse de bola, definimos previamente como é que vamos jogar e é dessa forma que jogamos, estando-nos completamente a borrifar para o sistema adversário. Quando não temos a bola, temos que ter a capacidade de ler o sistema adversário e de adaptarmos a nossa pressão ao posicionamento adversário. Por exemplo, se os meus avançados estiverem a jogar contra três defesas ou contra quatro defesas, o seu posicionamento é diferente, em função do posicionamento da defesa contrária. E que fique claro que a minha equipa nunca vai encaixar em nada nem em ninguém! Um exemplo: ter dois avançados para pressionar quatro homens não é o mesmo que ter dois para três mais dois. E se, inicialmente, o movimento ofensivo dos laterais tem que ser defendido de uma determinada maneira, após a mudança ele tem que ser defendido de outra. Agora, ninguém joga homem a homem ou em função dos homens, mas sim em função dos espaços.

Penso que o bloco baixo é facilmente interpretável. Nem sequer precisa de grande liderança ou de grande feedback. O bloco baixo é um bloco baixo, basta definir a referência visual do bloco e pronto, nada mais. A liderança, dentro do processo defensivo, tem a ver sim com a basculação, com a zona e com a capacidade que alguns jogadores têm, pela sua posição em campo ou pela sua capacidade de análise de jogo, de orientar as acções colectivas. Por isso, há jogadores que são fundamentais na dinâmica defensiva. Agora, quando se trata de bloco baixo, de campo curto, de juntar linhas, é fácil. Eu digo isso aos meus jogadores! Em momentos em que lhes esteja a ser difícil jogar numa zona pressionante ou fazer uma transição muito forte, por fadiga, por determinado ascendente do adversário ou porque o adversário tem uma determinada dinâmica ofensiva que nos está a criar algum tipo de problemas, eu digo-lhes para baixar o bloco, juntar as linhas e tranquilizar o jogo. Portanto, sob o ponto de vista da eficácia é muito mais fácil jogar bloco baixo do que bloco alto. Muito mais fácil!

Uma equipa que, pela sua forma defensiva de jogar, é anárquica posicionalmente, só pode ser uma equipa de transição rápida quando ganha a posse de bola. Ou seja, em função dessa mesma anarquia posicional, é uma equipa que ganha a posse de bola e tem que esticar o jogo. Portanto, para mim, uma equipa que quer ser de ataque continuado, que quer ter a posse de bola, que quer ter a iniciativa do jogo, tem que ser uma equipa que tem que estar sempre bem posicionada, e isso só se consegue defendendo zonalmente.

Nós treinamos situações específicas para saber, em cada momento, se corremos o risco de atacar mal recuperamos a posse de bola, ou se, pelo contrário, optamos pela circulação por considerar não haver condições de sucesso para criar perigo. Isto porque a forma de jogar das minhas equipas é extremamente desgastante. Quando não temos a bola, iniciamos logo as acções com vista à sua recuperação, mesmo que isso implique ir à área do adversário. Ora isto sujeita os jogadores a um grande desgaste, pelo que, depois de recuperada a bola, têm de decidir se têm condições de sucesso para de imediato atacar e assim continuar o desgaste ou se, ao invés, não tendo essas condições, optam por descansar com a bola fazendo-a circular.

A transição defesa-ataque tem de ter uma relação íntima com aquilo que é a nossa forma ofensiva de jogar. Quando uma equipa pressiona tão alto, precisa de descansar durante o jogo. E o que é melhor? Descansar com a bola ou sem a bola? Quero que a minha equipa saiba descansar com bola e saber descansar com bola é ter um bom jogo posicional, é os jogadores ocuparem racionalmente o espaço de jogo e terem capacidade para terem a bola em seu poder mesmo que durante algum tempo o objectivo não seja dar profundidade ao jogo e chegar rapidamente à baliza adversária.